



PLANTAS ÚTEIS DE MINAS GERAIS E GOIÁS na obra dos naturalistas

MARIA DAS GRAÇAS LINS BRANDÃO



The image features a central dark red banner with white text. Above and below the banner are decorative borders composed of numerous small, overlapping diamond-shaped photographs of various plants and flowers. The plants shown include green leaves, pink flowers, yellow flowers, and red flowers. The overall design is clean and modern, with a focus on botanical specimens.

**PLANTAS ÚTEIS DE MINAS GERAIS E GOIÁS
na obra dos naturalistas**

Maria das Graças Lins Brandão

PLANTAS ÚTEIS DE MINAS GERAIS E GOIÁS
NA OBRA DOS NATURALISTAS

Belo Horizonte
Museu de História Natural e Jardim Botânico
Universidade Federal de Minas Gerais
2015

Plantas úteis de Minas Gerais – na obra dos naturalistas
Copyright © 2015 por Maria das Graças Lins Brandão

Editoração, arte-final e projeto gráfico
Janaina de Andrade - Ninho de Ideias

Revisão

Fotos
Maria das Graças Lins Brandão

Impressão
O Lutador

FICHA CATALOGRÁFICA

B817p Brandão, Maria das Graças Lins.
Plantas úteis de Minas Gerais e Goiás : na obra dos naturalistas / Maria das
Graças Lins Brandão. – Belo Horizonte : Museu de História Natural e Jardim
Botânico da UFMG, 2015.

109 f. : il. ; 20x20cm

Inclui referências.

ISBN: 978-85-62164-06-4

1. Biodiversidade. 2. Plantas medicinais – Minas Gerais. 3. Plantas
medicinais – Goiás. 4. Naturalistas - Inglaterra. 5. Naturalistas – França. I.
Título.

CDU: 581.6(815.1)

Este livro é mais um produto desenvolvido pela equipe do Centro Especializado em Plantas Aromáticas, Medicinais e Tóxicas da Universidade Federal de Minas Gerais (CEPLAMT - UFMG). O principal objetivo do grupo é recuperar e divulgar informações históricas e técnico-científicas sobre as plantas úteis nativas do Brasil, que contribuam para sua conservação e melhor aproveitamento. Outro objetivo do grupo é despertar nos jovens brasileiros o interesse pela ciência, especialmente nas disciplinas envolvidas com o tema plantas úteis e medicinais.

Neste catálogo segue o modelo do publicado anteriormente com plantas de Minas Gerais. Nele é descrita parte dos resultados obtidos com a execução de um projeto dentro do Edital REFLORA, financiado pelo Conselho de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais – FAPEMIG. O objetivo do edital foi promover o repatriamento de dados e imagens de amostras de plantas coletadas nos séculos pasados, e depositadas nos Museu Nacional de História Natural da França (MNHN), em Paris, e no Kew Royal Botanic Gardens (RGB), em Londres. Em nosso projeto, foram estudados acervos de naturalistas franceses e ingleses, que percorreram os Estados de Minas Gerais e Goiás no século 19. Estas informações são importantes porque são primárias, ou seja, recolhidas em uma época em que a vegetação natural era densa e a fitoterapia era praticada, quase que exclusivamente, a partir do uso de espécies da biodiversidade brasileira. Todos os caminhos percorridos pelo botânico francês Auguste de Saint-Hilaire foram percorridos, e imagens atuais de algumas plantas captadas e aqui apresentadas. Mais informações podem ser obtidas na website do CEPLAMT (www.ceplamt.org.br).

É preciso deixar aqui os agradecimentos ao CNPq e à FAPEMIG pelo contínuo apoio aos nossos projetos, além de todos aqueles que contribuíram pela sua execução, especialmente os Professores Christopher Fagg, Cassia Munhoz e Manoel Claudio Silva-Junior (Universidade de Brasília), além de Cristiane F.F. Graef, Carlos Victor e José Elidio (Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Diamantina). Agradecemos também ao Dr. Marc Pignal e Claudia G. Gonçalves (MNHN, Paris), e Eimear Lughadha e Catia Canteiro (RGB) pelo apoio à coleta de informações para o projeto, bem como a Rafaella C. Forzza e toda a equipe do Jardim Botânico do Rio de Janeiro (JBRJ). Aos vários estudantes envolvidos no projeto, especialmente Flávia L. Pereira, Gustavo Cosenza, Kadja Milena e Verena Oliveira, além dos nossos funcionários Regina Rossi e Devenil, deixo também os mais sinceros agradecimentos

Profa. Maria das Graças Lins Brandão
Coordenadora do DATAPLAMT-UFMG

Biodiversidade e plantas úteis de Minas Gerais e Goiás	9	Carapiá	42
Biografia dos naturalistas que compõem este catálogo	13	Caroba	43
Dados e imagens das plantas	15	Car quej a-amarga	44
Açoita-cavalo	17	Casca d'anta	45
Alcaçuz	18	Chá-de-pedestre	46
Alecrim-do-campo	19	Chichá	
Algodãozinho-do-campo	21	Coco-de-purga	47
Angico	22	Colher-de-vaqueiro	48
Araticum	24	Copaíba	50
Arnica	25	Douradinha-do-campo	51
Aroeira	26	Drosera	52
Árvore-do-papel		Embaúba	53
Arvore-do-sabão	27	Erva-de-bicho	54
Assa-peixe	28	Fedegoso	55
Azedinha	29	Gabirola	56
Barbatimão	30	Gervão	58
Bignonia	31	Goiabeira	59
Buriti	32	Índigo	60
Bútua	33	Ipecacuanha	62
Cagaiteira	34	Ipê-roxo	63
Cainca	35	Jaborandi	64
Cajueiro	36	Japocanga	65
Cajuzinho-do-campo	37	Jarrinha	66
Canela-de-ema	40	Jatobá	67
Capeba	41	Jequitibá	
		Lobeira	69
		Macaúba	70

Macela-do-campo	71	Pinheiro-brasileiro	94
Malva-do-campo	72	Pitangueira.....	96
Mangabeira.....	73	Pitombeira	97
Maracujá-de-estralo.....	74	Poaia	98
Maracujá-grande.....	74	Poaia-do-campo	99
Mate.....	75	Quaresmeira.....	101
Mulungu	76	Quina-do-campo	102
Murici.....	77	Quina-mineira.....	103
Mutamba	78	Rosa-do-campo	104
Orelha-de-onça.....	79	Saca-rolhas	
Outros Frutos Nativos	80	Salsaparrilha	106
Pacari		Sambaíba	107
Paineira	81	Sambaibinha.....	108
Paratudo	83	Seriguela	
Pata-de-vaca	84	Simaruba	
Pau-de-leite	86	Sucupira-branca.....	109
Pau-paratudo.....	87	Sucupira-preta	
Pau-pereira	88	Tingui	
Pau-santo.....	89	Urucum.....	112
Pau-terra.....	90	Verbasco	114
Pé-de-perdiz	91	Glossário de termos técnicos	115
Pequizeiro	92	Índice Remissivo.....	116
Pimenta-de-macaco	93	Referências	119

Minas Gerais e Goiás já foram Estados muito ricos em plantas medicinais. A vegetação nativa constituída prioritariamente da Mata Atlântica, cerrado e a caatinga permaneceram inexplorados até o final do século XVII, pois a colonização portuguesa se concentrava no litoral. Muitos povos nativos viviam nessas terras, e muito do conhecimento que tinham foram aos poucos transmitidos aos habitantes das áreas rurais. O esgotamento do ouro no século 19 promoveu uma intensificação das práticas agropecuárias, que se estende até hoje sobre o cerrado sob a forma do agronegócio. Além disto, a industrialização e implantação de grandes projetos como de mineração, siderurgia e indústria de celulose tem promovido a contínua substituição da vegetação nativa pela monocultura do eucalipto. Todos esses processos têm conduzido a uma intensa *erosão genética e cultural* em relação às plantas úteis de Minas Gerais e Goiás e poucas são as pessoas que de fato usam as plantas da nossa biodiversidade, segundo as tradições do passado.

Muitas informações sobre as plantas nativas do Brasil foram registradas por naturalistas que percorreram o país região no século 19, após a chegada da Família Real e a abertura dos portos às nações amigas. Os Estados de Minas Gerais e Goiás foram visitados por vários deles, que fizeram observações minuciosas a vida no interior, incluindo o uso de plantas medicinais. A contribuição de todos os naturalistas para o conhecimento da flora brasileira é incalculável: centenas de novas plantas foram descobertas e descritas. Neste catálogo, são apresentados dados e imagens, antigos e atuais, de XX plantas úteis nativas de Minas Gerais e Goiás. As informações históricas foram extraídas de acervos bibliográficos e botânicos reunidos por xx naturalistas e depositados em instituições nacionais e da Europa. Destaque deve ser dado aos registros feitos nos cadernos de coleta do botânico francês Auguste de Saint-Hilaire, bem como dos ingleses George Gardner e W. Burchell, até então inéditos. Ao lado dos dados históricos, são apresentados também alguma referência sobre resultados de estudos farmacológicos realizados recentemente e/ou registros de patentes.

O objetivo principal desta publicação é divulgar informações estratégicas sobre as plantas úteis da biodiversidade brasileira, recolhidas já há de 200 anos. Esperamos que este catálogo de fato contribua para a manutenção do conhecimento sobre a nossa flora, promovendo sua conservação e melhor aproveitamento.

“Desse modo, os agricultores terminam na província das Minas o que começaram os homens que iam à cata do ouro, a funesta destruição das matas. A falta de lenha já se faz sentir em algumas vilas que foram provavelmente construídas no seio de florestas, e as minas de ferro, de riquíssimo teor em metal, não podem ser exploradas por falta de combustível. Diariamente árvores preciosas caem sem utilidade sob o machado do lavrador imprevidente. É possível que, no meio de tantos e tão repetidos incêndios, não tenha desaparecido uma série de espécies úteis às artes e à medicina, e, dentro de alguns anos, a Flora que nesse momento acabo de publicar, não será mais, para certas regiões, senão um monumento histórico. Desse modo, os agricultores terminam na província das Minas o que começaram os homens que iam à cata do ouro, a funesta destruição das matas. A falta de lenha já se faz sentir em algumas vilas que foram provavelmente construídas no seio de florestas, e as minas de ferro, de riquíssimo teor em metal, não podem ser exploradas por falta de combustível. Diariamente árvores preciosas caem sem utilidade sob o machado do lavrador imprevidente. É possível que, no meio de tantos e tão repetidos incêndios, não tenha desaparecido uma série de espécies úteis às artes e à medicina, e, dentro de alguns anos, a Flora que nesse momento acabo de publicar, não será mais, para certas regiões, senão um monumento histórico.”

Auguste de Saint-Hilaire, 1830

Desde a década de 70, a Organização Mundial da Saúde (OMS) reconhece a importância das plantas medicinais para o tratamento de várias doenças, mas alerta que esses remédios tradicionais precisam passar por processos biotecnológicos de *validação*. Validar uma planta medicinal significa verificar se ela, de fato, tem o efeito farmacológico proclamado e não é tóxica. Dezenas de plantas medicinais, como capim-santo, babosa, hortelãs, boldo-do-chile, erva-doce e camomila, por exemplo, já foram validadas e são recomendadas para uso como fitoterápico pela OMS e Ministério da Saúde do Brasil. Infelizmente, tanto estas quanto a grande parte das plantas validadas hoje, não são nativas do Brasil; elas são espécies *exóticas*, que vêm sendo introduzidas aqui desde os primeiros tempos da colonização portuguesa. Por outro lado, raras são as plantas brasileiras que já foram estudadas completamente e transformadas em algum tipo de produto. É, portanto, importante e necessário estimular e apoiar os estudos com as nossas plantas e, especialmente pelos cientistas brasileiros.

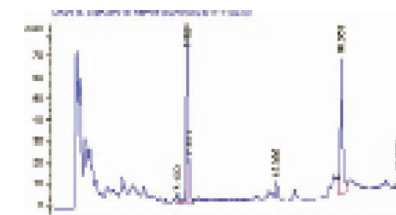
Os métodos usados pelos cientistas para validar uma planta consistem de estudos botânicos, químicos, farmacológicos e toxicológicos:

Estudos botânicos: Começam com a coleta correta da planta e preparação de *exsicata* para *identificação taxonômica* (= definição da família, gênero e espécie). Essa *identificação* é feita pela observação de características próprias de cada espécie, como disposição das folhas no caule, pétalas e sépalas, entre outras características morfológicas. As partes da planta usadas para a preparação dos remédios são também coletadas, desidratadas a baixa temperatura (para que não haja perdas ou degradação dos princípios ativos = p.a.) e trituradas em moinhos, até sua transformação em pó. Sob essa forma, o material passa a ser chamado droga vegetal.



Preparação de exsicata

Cromatografia líquida e em placas



Cromatografia líquida e em placas

Estudos químicos: Os prováveis p.a. das plantas são extraídos da *droga vegetal* com solventes (álcool, por exemplo). Existem vários métodos para se fazer as extrações: um deles é a *percolação*, que consiste em passar pela *droga vegetal* uma sucessão de solventes, que vão arrastar os componentes químicos para fora da célula vegetal. Esses líquidos são depois evaporados a baixa temperatura, até a

obtenção dos **extratos secos**. Para purificar os p.a. é usada a **cromatografia**, processo de separação das substâncias químicas de uma mistura. As estruturas químicas dos p.a. são caracterizadas por meio de **métodos espectroscópicos**, como o ultravioleta, o infravermelho, ressonância magnética nuclear e a espectrometria de massas.



Pulverização do material



Percolação

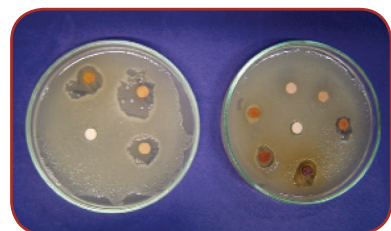


Evaporação



Extrato-seco

Estudos farmacológicos e toxicológicos: Podem ser efetuados por meio de **testes in vitro**, nos quais os extratos são colocados em contato direto com os agentes causadores de doenças, como vírus, bactérias ou parasitas; ou **in vivo**, nos quais se usam animais de laboratório (cobaias). Para os produtos que apresentam eficácia nesses ensaios e não são tóxicos, são posteriormente desenvolvidas fórmulas farmacêuticas e métodos de controle de qualidade.



Teste in vitro



Teste in vivo

Se existisse no Brasil maior número de homens instruídos, o governo desse país faria obra de grande utilidade, nomeando em cada província uma comissão que se encarregasse de submeter a exame minucioso todas as plantas de que se utilizam os colonos para aliviar seus males. Por esse meio, poder-se-ia chegar a constituir, para os vegetais, uma matéria médica brasileira, que elucidaria os colonos a respeito de remédios ineficazes ou perigosos, e, ao mesmo tempo, daria a conhecer aos nacionais e estrangeiros grande número de plantas benéficas. Trabalho de tal envergadura não se poderá fazer, sem dúvida, senão daqui a longos anos. Possa ao esperar a que vier, a obra que publiquei sobre as Plantas Usuais do Brasil³¹⁸ tomar o lugar, tanto quanto possível, de uma matéria médica mais aprofundada, e provar aos brasileiros o desejo que tenho de lhes demonstrar meu profundo reconhecimento mediante um trabalho que lhes seja útil!

Auguste de Saint-Hilaire, 1830

◆◆◆ BIOGRAFIA DOS NATURALISTAS QUE COMPÕEM ESTE CATÁLOGO

A. de Saint-Hilaire (1779-1853): Naturalista francês que esteve no Brasil entre 1816 e 1822. Percorreu grande parte do centro-sul do país, incluindo os cerrados do Planalto Central. Suas viagens foram publicadas em vasta bibliografia, além de em outras obras específicas sobre as plantas. Seu herbário, contendo plantas coletadas durante as viagens, chegou a ter sete mil espécies, estando depositado no Museu Nacional de História Natural da França, em Paris.



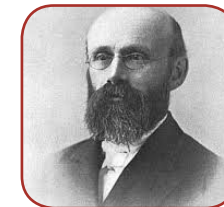
A. D'Orbigny (1802-1875): Botânico e enciclopedista francês, desde cedo se interessou pelo estudo das ciências naturais, influenciado pelo pai que era médico e naturalista amador. Viajou em missão pelo Museu de Paris na América do Sul entre 1826 e 1833, tendo percorrido o Brasil e países vizinhos. Parte de suas descobertas foram publicadas numa obra que foi considerada por Darwin como “um dos grandes monumentos à ciência do século XIX”.

C.J.F. Bunburry (1808-1866): Era mineralogista inglês mas possuía interesse geral em ciências naturais. Esteve no Brasil entre 1833-1835 e descreveu o uso de várias plantas.



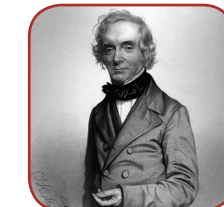
Conde de Castelnau (1810-1864): Nasceu em Londres e estudou ciências naturais em Paris. Entre 1843-1847 cruzou a América do Sul, do Peru ao Brasil, seguindo o Amazonas e os sistemas do Rio da Prata. Posteriormente, serviu como cônsul francês na Bahia.

George Gardner (1812-1849)



R. Burton (1821-1890): Foi um grande viajante inglês sendo ele o descobridor da nascente do Rio Nilo. Esteve no Brasil em 1861 quando percorreu de canoa o Rio das Velhas, depois o Rio São Francisco, até o oceano Atlântico. Burton descreveu minuciosos aspectos da vida dos mineiros, inclusive o uso de várias plantas medicinais.

W. J. Burchell (1781-1863)



◇◇◆ DADOS E IMAGENS DAS PLANTAS

As informações encontram-se organizadas da seguinte forma:

NOME POPULAR

Nome científico

Família

Outros nomes populares citados pelos naturalistas

RELATOS DOS NATURALISTAS

São apresentadas informações coletadas por 7 naturalistas franceses e ingleses que percorreram Minas Gerais e Góias no século XIX.

IMAGENS ATUAIS DAS PLANTAS

Local de observação das plantas



IMAGENS ANTIGAS E DE HERBÁRIOS:

Manuscrito:

Cadernos de campo de W. Burchell, G Gardner e A. de Saint-Hilaire

Herbários:

Museu Nacional de História Natural da França, Paris e Jardim Botânico Kew, Londres

Bibliografia:

Saint-Hilaire, Plantas Usuais dos Brasileiros, 1824

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Resultados de pesquisas farmacológicas (extraídos do Scifinder e Pubmed).

AÇOITA-CAVALO

Nome Científico: *Luehea grandiflora* Mart.

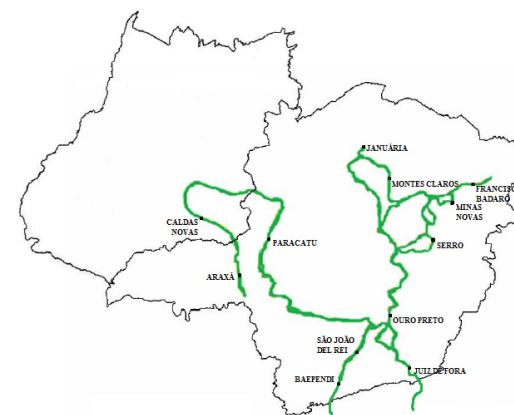
Família: MALVACEAE

“Usa-se a madeira desta árvore para fazer sola de sapato para ir ao brejo e impedir a formação de crostas da pele dos pés”. A casca também é usada na curtição de couro”.

A. de Saint-Hilaire (cadernos de coleta)



L. grandiflora, Mariana



MNHN Paris



Plantas Usuais dos Brasileiros, 1824

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Não foram encontrados estudos farmacológicos recentes sobre esta planta.

ALÇAÇUZ

Nome Científico: *Periandra mediterranea* (Vell.) Mart.

Família: FABACEAE - FABOIDEAE

“Entre os produtos naturais conhecidos e utilizados na região temos: a poaia (ipecacuanha) branca e preta, a quina do campo, uma espécie de alçaçuz e o anil, que cresce espontaneamente.”

F. Castelnau

Expedição às regiões centrais da América do Sul, 1850



P. mediterranea, Reserva Natural do Caraça

ALECRIM-DO-CAMPO

Nome Científico: *Baccharis dracunculifolia* DC.

Família: ASTERACEAE

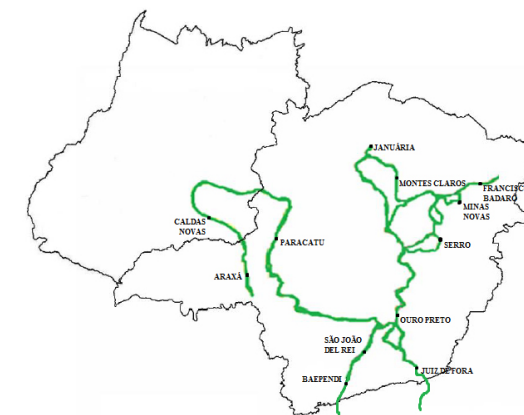
“Num trecho de cerca de 12 léguas da região é bastante semelhante à que acabamos de atravessar antes de chegar a São Paulo, vindo de Goiás. As terras ainda se mostram agradavelmente entremeadas de campos e grupos de árvores baixas, onde predominam as Mirtáceas, a Anacardiácea denominada aroeira (Schinus). O Baccharis, tão comum vulgarmente chamado alecrim-do-campo, etc. Trechos de considerável extensão mostram-se cobertos pela barba-de-bode (*Chaetaria pallens*, var. *y*, Nees), gramínea que cresce em tufos e é encontrada em diversos pontos elevados da parte meridional de Minas Gerais.”

A. de Saint-Hilaire

Viagem à Província de São Paulo, 1830



B. dracunculifolia, Reserva Ecológica do Tripuí, Ouro Preto



DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Alçaçuz é o nome originalmente atribuído à espécie *Glycyrrhiza glabra*, planta nativa da Europa e que não ocorre no Brasil. A *G. glabra* contém saponinas nas suas raízes, as quais são usadas como edulcorante. Em Minas Gerais, algumas espécies de *Periandra* também são adocicadas e recebem o nome de alçaçuz.

Suttisri e cols. *Phytochem.* (1993) 34(2): 405-8.

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

O alecrim-do-campo é uma planta melífera e muito visitada pelas abelhas, que dela retiram resinas para a preparação da própolis. Estudo recente confirmou sua atividade anti-inflamatória e antinociceptiva em estudos em animais.

Dos Santos e cols. *J. Ethnopharmacol.* (2010) 127(2):543-50

ALGODÃOZINHO-DO-CAMPO

Nome Científico: *Cochlospermum regium* (Schrank) Pilg.

Família: BIXACEAE

Outro nome popular: Butua-do-curvo

“Os habitantes de Paracatu usam a decoção das raízes dessa planta contra as dores internas, principalmente contra as que se originam de quedas ou de outros acidentes: assegura-se que essa decoção cura os abscessos já formados.”

A. de Saint-Hilaire

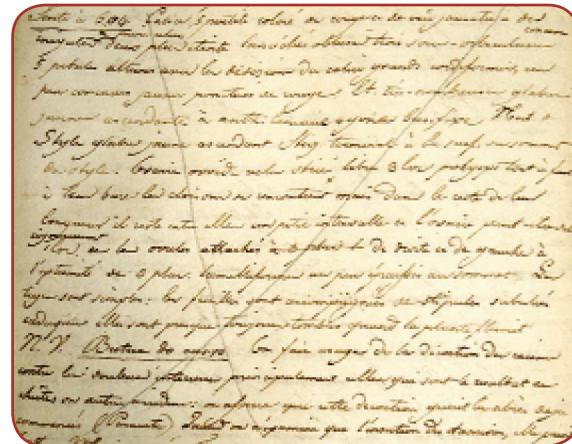
Plantas Usuais dos Brasileiros, 1824



Cochlospermum sp., Curvelo



Plantas Usuais dos brasileiros, 1824



Cadernos de campo, “NV Butua do curvo”



DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Não foram encontrados estudos farmacológicos recentes sobre esta planta.

ANGICO

Nome Científico: *Anadenanthera colubrina* (Vell.)

Brenan

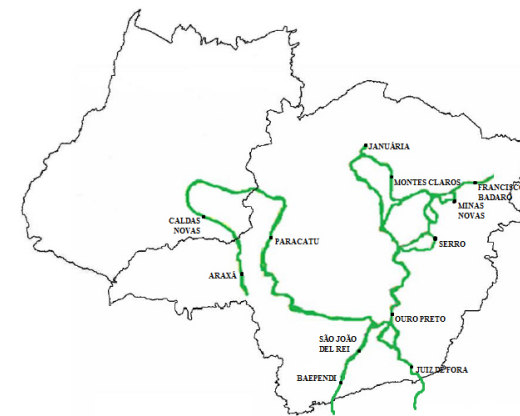
Família: FABACEAE – MIMOSOIDEAE

DE GOIÁS A SALINAS. Usa-se na região a casca do angico para curtir couros; provém ela de uma árvore da mata, pertencente à família das leguminosas, a Acacia angico.”

Conde de Castelnau

Expedição das regiões centrais da America do Sul,

1850



À esquerda, *A. colubrina*, Parque Santo Antônio, Andrelândia;
à direita, acima, resina no tronco;
à direita, abaixo, coletada em Belo Horizonte, UFMG

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Estudos confirmaram que as cascas e a resina do angico têm efeito cicatrizante e anti-inflamatório, devido à presença de taninos e flavonoides.

Gorin e cols. Ins Carb Struc Biol Funct. (2006) 175-196.

Monteiro e cols. Rev Bras Farmacog. (2006) 16(3): 338-344.

ARNICA

Nome Científico: *Lychnophora spp.*

Família: ASTERACEAE

Outro nome popular: candeia



Lychnophora spp



“DE SÃO ROMÃO AO DISTRITO DOS DIAMANTES. Depois de duas léguas e meia de viagem, paramos no meio do dia em sítio sombreado, ao pé de um arroio, em frente a um outerinho redondo e coberto de *Lychnophora pinaster*, muito semelhante ao abeto escocês, e de uma grande espécie de lírio.”

G. Gardner

Viagem ao interior do Brasil, 1846

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Arnica é o nome popular atribuído à espécie *Arnica montana*, planta nativa da Europa e que não ocorre no Brasil. A *A. montana* é muito estudada sob o ponto de vista farmacológico e os estudos confirmaram seu efeito no tratamento de equimoses e contusões. No Brasil, outras plantas recebem também o nome popular de arnica, como algumas espécies de *Solidago* e *Lychnophora*. A *Lychnophora pinaster* é uma das arnicas mais usadas na medicina popular em Minas Gerais e estudos vêm confirmando seu efeito como anti-inflamatório tóxico. Infelizmente, a coleta exagerada dessas arnicas tem levado ao seu esgotamento e algumas espécies já vem sendo consideradas em perigo de extinção pelo IBAMA.

Guzzo e cols. *J Ethnopharmacol.* (2008) 116(1): 120-4.

AROEIRA

Nome Científico: *Schinus terebinthifolius* Raddi

Família: ANACARDIACEAE

Outros nomes populares: corneiba, tupinico, capicuru



S. terebinthifolius, Reserva Ecológica do Tripuí, Ouro Preto



Coletada por A. de Saint-Hilaire, MNHN Paris

“A árvore mais valiosa, a rainha dos cerrados, é a aroeira (*Schinus terebinthifolius* ou *Schinus molle*); sua madeira duríssima, resiste admiravelmente ao tempo e fica muito bonita quando envernizada. As folhas são usadas como, epispásticos, a decoção serve para aliviar o reumatismo e outras enfermidades, e a resina, esfregada em seus cachos de frutas vermelhas, é agradável, mas os habitantes da região a evitam. Dizem que quem dorme à sombra da aroeira apanha tumores nas juntas, e as pessoas muito sensíveis que passam perto da árvore sofrem inchação no rosto- isso aconteceu à esposa de um dos meus amigos de São Paulo*. Ao contrário do que se dá nas terras de matas de verdadeiras, nas regiões da Serra e do Mato Dentro, as árvores têm, em sua maioria, folhas decíduas, e, quando estas caem, o seu aspecto é de desagradável nudez.

* Os índios usavam o suco verde dos ramos novos para moléstias dos olhos.”

R. Burton

Viagem de canoa de Sabará ao Oceano Atlântico, 1869

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Os óleos essenciais presentes na planta apresentaram efeito antioxidante e fungicida. Substâncias polifenólicas purificadas da planta induziram apoptose em células tumorais in vitro, indicando serem potenciais anticancerígenos. Outros extratos induziram mutagênese em células normais.

Moustafa e cols. *Intern J Essent Oil Therap.* (2007) 1(2): 91-95.

Queires e cols. *Anticancer Res.* (2006) 26(1A): 379-387.

Dantas e cols. *Environ Mol Mutag.* (2003) 42(3): 185-191.

ÁRVORE-DO-SABÃO

Nome Científico: Sapindus saponaria L.

Família: SAPINDACEAE

Outro nome popular: saboneteira, sabonete-de-sabará

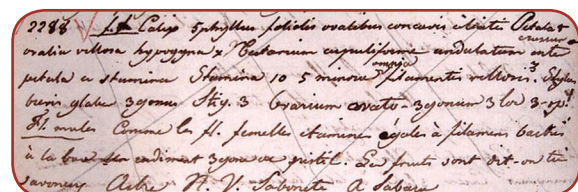
Os frutos são usados como sabão. Sabonete de Sabará. A. de Saint-Hilaire (cadernos de coleta)



S. saponaria, MHNJB - UFMG, Belo Horizonte



Formiga, Minas Gérias



Cadernos de campo, "NV Sabonete a Sabará"

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Estudos in vitro mostraram efeito da planta como fungicida e moluscicida.

Albiero e cols. Acta Farm Bonaer. (2001) 20(3): 169-171.

Ribeiro e cols. Int J Pharmacog. (1995) 33(3): 177-80.

ASSA-PEIXE

Nome Científico: Vernonia polyanthes Less.

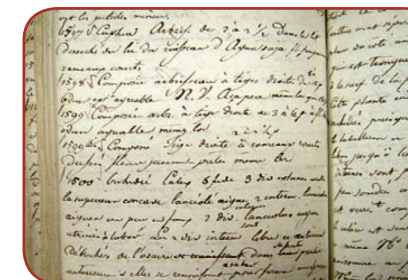
Família: ASTERACEAE

"A vassoura (Sida lanceolata) que produz álcalis e se parece com a tasneira, é muito usada como emoliente, em infusão ou decocção; o assa-peixe branco, uma das Compostas, tem efeito semelhante ao da camomila; o aromático velame-do-campo (Croton fulvus ou C. campestris) é um sudorífero e dissolvente conhecido de todos. Entre os arbustos, há muitas espécies selvagens de ipecacunha chamada poaia (Cephaelis ipecacuanha); a labiada chamada, em virtude de sua forma, cordão-de-frade (Leonotis nepetifolia Mart.), um poderoso narcótico; a Composta carqueja (Baccharis, Nardum rusticum, Mart.), de folhas triangulares alongadas e bagas esbranquiçadas nos ângulos, tônico amargo, aromático e antifebril, muito usado na fabricação da cerveja teuto-brasileira."

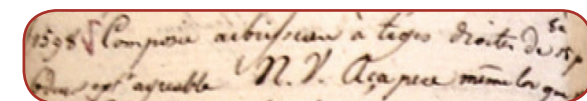
R. Burton
Viagem do Rio de Janeiro
a Morro Velho, 1869



V. polyanthes, Corinto



Cadernos de campo, "NV Açapece"



DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

A planta apresentou efeito antiúlcera gástrica e diurética em testes em animais.

Barbastefano e cols. Fitoterapia (2007) 78: 545-551.

Romanezi e cols. Phytomed. (2003) 10: 127-131.

AZEDINHA

Nome Científico: *Oxalis cordata* A. St.-Hil.

Família: OXALIDACEAE

Outros nomes populares: frero, trevo

“Todo mundo sabe que as folhas de um grande número de *Oxalis* são dotadas de uma acidez da qual a medicina pode tirar partido. Essa qualidade não escapou aos brasileiros, pois eles empregam com razão o *Oxalis* nas febres atáxicas (malinas). Sente-se que é impossível que as numerosas espécies que crescem no Brasil não tenham sido confundidas; que, apresentando as mesmas virtudes, estas não tenham sido aplicadas indiferentemente aos mesmos usos, e que, conseqüentemente, o nome vulgar Azedinha, que deve significar justamente pequena planta ácida, não tenha se tornado uma espécie de nome genérico. Nós nos contentaremos em descrever aqui três espécies, o *Oxalis repens* que é particularmente empregado no distrito dos Diamantes, não somente com o nome de Azedinha, mas ainda com o nome de Frero (trevo); o *Oxalis fulva*, cujas folhas são de uma extrema acidez; enfim, o *Oxalis cordata*, no qual não tentamos pesquisar essa qualidade, mas que interessará aos botânicos pela forma particular de suas folhas.”

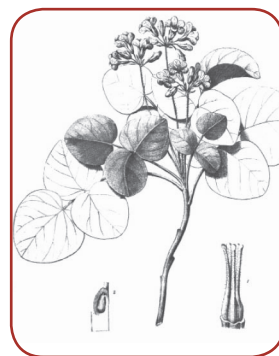
A. de Saint-Hilaire
Plantas Usuais dos brasileiros, 1824



O. cordata, Curvelo



Amostra-tipo, coletada por A. de Saint-Hilaire, MNHN Paris



Desenho feito a partir da amostra-tipo, “Plantas Usuais dos Brasileiros”, 1824

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Não foram encontrados estudos farmacológicos recentes sobre esta planta.

BARBATIMÃO

Nome Científico: *Stryphnodendron adstringens* (Mart.) Coville

Família: FABACEAE - MIMOSOIDEAE

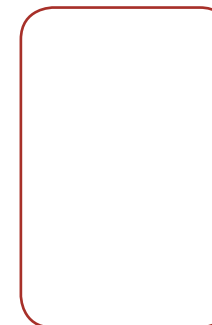
Outro nome popular: barba-de-timão

“Os cerrados consistem de árvores de uns 3 a 6 metros de altura, parecidas com nossas aveleiras e macieiras, e com as oliveiras do sul da Europa, e são, em geral, acácias e outras leguminosas. Tais são, por exemplo, o jacarandá-do-campo, uma Mimosácea, cuja madeira não é muito apreciada; a sucupira (*Bowdichia major*), madeira muito reta e dura, usada para eixos de roda; o angico (*Acacia angico*), que produz cachu, e o barbatimão ou barba-de-timão (*Acacia adstringens*, Velloso) de pequenas folhas, cuja casca é adstringente e rica em ácido tânico, e cujas folhas servem de alimento à cantárida.

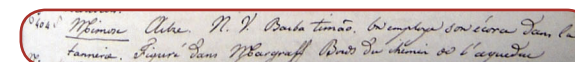
R. Burton, Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho, 1869



S. adstringens, Casa Grande



À esquerda, coletada por J.E. Pohl, MHN Viena; acima cascas comercializadas em Três Corações



Cadernos de campo, “NV Barba timão”

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Estudos com as cascas confirmaram suas ações como fungicida e cicatrizante. Esses efeitos são devidos à presença de taninos em elevada concentração.

Ishida e cols. J Antimicrob Chemother. (2006) 58(5): 942-949.

Martins e cols. Phytother Res. (2002) 16(5): 427-31.

BIGNONIA

Nome Científico: *Pyrostegia venusta* (Ker Gawl.) Miers.

Sinônimo: *Bignonia venusta* Ker Gaul.

Família: BIGNONIACEAE

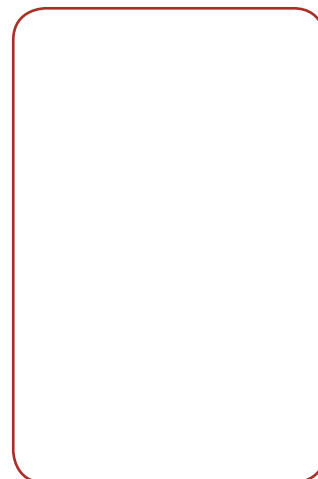
Outro nome popular: cipó-de-são-joão

“A Serra de Ouro Branco, uma comprida montanha retilínea de considerável altura, com uma face muito íngreme, erguia-se diante de nós, formando um ponto de destaque no panorama: a aldeia do mesmo nome fica situada perto do pé da montanha, na região descampada, 3.224 pés franceses acima do nível do mar (mapa de Von Eschwege). Um estreito vale coberto de mato, correndo ao longo do pé da serra, a separa da planície e em muitos pontos o mato vai até bem alto na encosta da montanha, mas é baixo comparado com as florestas da costa. Uma linda Bignonia (*Bignonia venusta*) que depois verifiquei ser muito comum na região das minas, nasce abundantemente nestas matas, subindo por cima dos arbustos e árvores baixas e ornando-as com suntuosos molhos de flores cor de laranja, muito viva.”

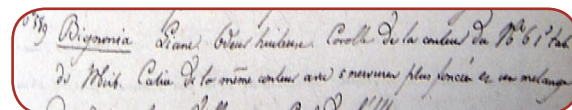
C.J.F. Bunbury
Viagem de um naturalista inglês
ao Rio de Janeiro e Minas Gerais,
1833-1835



P. venusta, Reserva Natural do Caraça (Crédito Pe. Lauro Palu)



UFSJ



Cadernos de campo

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Não foram encontrados estudos farmacológicos recentes sobre esta planta.

BURITI

Nome Científico: *Mauritia flexuosa* L.f.

Sinônimo: *Mauritia vinifera* Mart.

Família: ARECACEAE

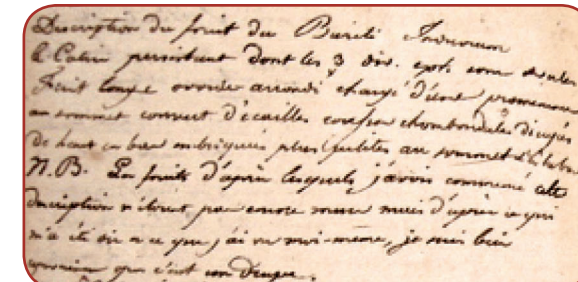
Outros nomes populares: murici, palmeira-buriti, bority, bruti, muricky

“DO RIO SÃO FRANCISCO AO RIO PARANAÍBA. A 16, fizemos uma marcha ainda mais longa do que na véspera. Encontramos neste dia a bela palmeira buriti (*Mauritia vinifera*), cujas folhas, semelhantes a um vasto leque, têm muitas vezes 3 metros de diâmetro. Os pecíolos destas folhas servem, entre os habitantes, para fazer rolhas. A viagem deste dia foi mais fatigante para nós do que as outras, por termos encontrado muitos atoleiros cobertos de mato, nos quais afundavam os cavalos, com tanto risco para eles, como para nós próprios. Esses pequenos acidentes fizeram os nossos animais tão medrosos, que só a custa das esporas era possível fazê-los andar para a frente. Nas partes mais altas da estrada, que aliás é bastante plana, vêem-se gangas, que repousam provavelmente sobre grés itacolumítico. A direção geral da estrada é primeiro para oeste e depois para sudoeste.”

F. Castelnau
Expedição às regiões centrais
da América do Sul, 1850



M. flexuosa, Itacarambi



Cadernos de campo, descrição do fruto do Buriti

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Os frutos apresentaram atividade antimicrobiana contra *Staphylococcus aureus*. O óleo obtido do coco vem sendo estudado para verificar seu potencial na proteção contra raios UV e utilidade para a preparação de cosméticos, pois ele é rico em vitamina A.

Zanatta e cols. Food and Chem Toxicol. (2010) 48: 70-75.

Silveira e cols. Rev Bras Farmacog. (2005) 15(2): 143-148.

Godoy e cols. 1995 Arq Biol Tecnol. 38(1): 109-20.

BÚTUA

Nome científico: *Chondrodendron platiphyllum* (A. St.-Hil.) Miers

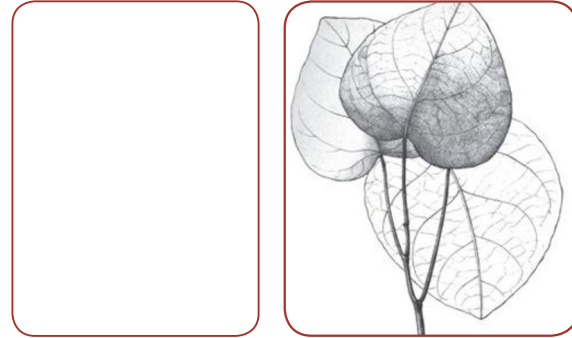
Família: MENISPERMACEAE

Outros nomes populares: butua, caapeba.

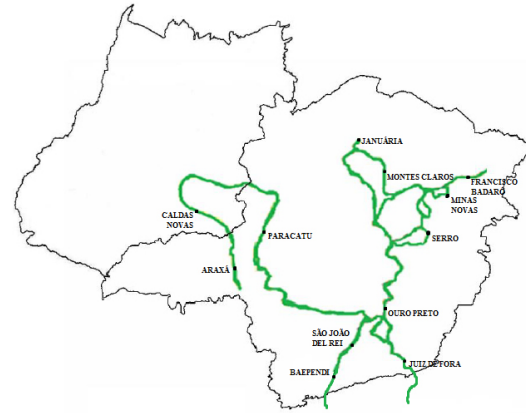
Outros nomes populares: butua, caapeba.

“Essa planta é empregada pelos brasileiros no tratamento das febres intermitentes; eles a consideram também como um poderoso medicamento específico contra as doenças do fígado. Suas virtudes, assim como as do *Cocculus cinerascens* Aug. St.-Hil., que recebe o nome vulgar de Butua, são extremamente louvadas no Brasil, e parece que isso se deve aos princípios amargos e tônicos que esses vegetais encerram. Propriedades análogas já foram assinaladas nas raízes do *Cocculus palmatus* DC. (o columbo das matérias médicas), dos *Cissampelos ovalifolia* DC. e na pareira Linn. (a pareira brava das matérias médicas), e nas raízes de várias outras plantas da família das Menispermáceas.”

A. de Saint-Hilaire
Plantas Usuais dos Brasileiros, 1824



Plantas Usuais dos Brasileiros



DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Estudos em animais mostrou o potencial de extratos da planta em impedir a evolução de úlceras gástricas. As raízes apresentaram atividade anti-inflamatória.

Amresh e cols. *Nutrit Res.* (2007) 27: 625-632.
Amresh e cols. *J Ethnopharmacol.* (2007) 110: 526-531.

CAINCA

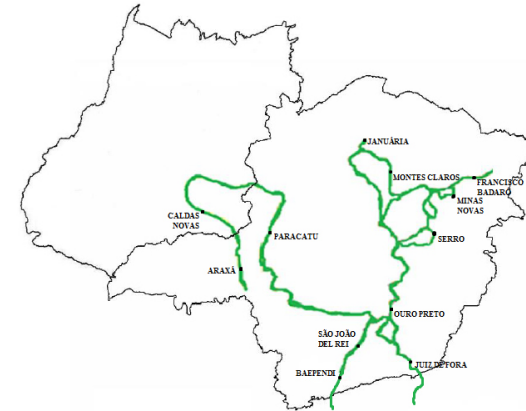
Nome Científico: *Chiococca alba* (L.) Hitchc.

Família: RUBIACEAE

Outros nomes populares: raiz-preta, cipó-cruz, raiz-fedorenta, cruzadinha

Essas raízes são purgativas. Um tipo desta planta é perigoso e deve ser administrado com grande precaução.

A. de Saint-Hilaire (cadernos de coleta)



DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

As espécies *C. alba* e *C. brachiata* não contam com estudos farmacológicos publicados recentemente. Uma patente para produto usado como tônico, e para eliminar toxinas do organismo, foi pedida no estrangeiro.

Rigby U.S. Pat. Appl. Publ. 2003.



Chiococca sp., Catas Altas



Acima, amostra coletada em Curvelo; à direita, MNHN Paris



CANELA-DE-EMA

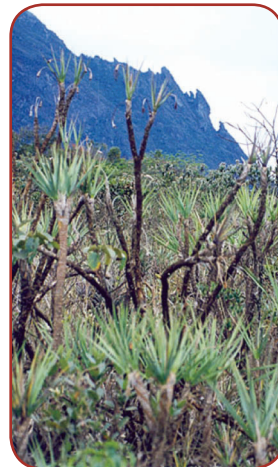
Nome Científico: *Vellozia spp.*

Família: VELLOZIACEAE

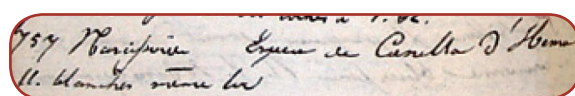
“Enquanto subia a Serra do Ouro Branco, que é excessivamente íngreme desse lado, vi pela primeira vez aquelas curiosas plantas chamadas Vellozias, que parecem pertencer particularmente a essa espécie de rocha; suas hastes ásperas e escamosas, com três a cinco pés de altura, são repetidamente bifurcadas e cada galho é terminado por um tufo de folhas pontudas e retas, muito parecidas com as Yucca ou Adam’s Needle (*Yucca filamentosa*). Aliás a aparência geral desta planta é a da mandioca, com uma haste bifurcada. Nunca as vi em florescência. (...) Do alto tive uma vista ampla sobre os campos que tinha atravessado durante a semana passada, mas na direção oposta a vista é muito mais limitada, não se vendo senão imensas colinas verdes, através das quais se estende o nosso caminho para Vila Rica.”

C.J.F. Bunbury

Viagem de um naturalista inglês ao Rio de Janeiro e Minas Gerais, 1833-1835



Acima, *Vellozia* sp., Serra de Catas Altas; à esquerda, MNHN Paris; abaixo, cadernos de campo de A. de Saint-Hilaire, “Canella d’ Hema”



DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Não foram encontrados estudos farmacológicos recentes sobre esta planta.

CAPEBA

Nomes Científicos: *Pothomorphe umbellata* (L.) Miq.

Sinônimo: *Piper umbellatum* L.

Família: PIPERACEAE

Outros nomes populares: pariparoba, caapeba, periparoba

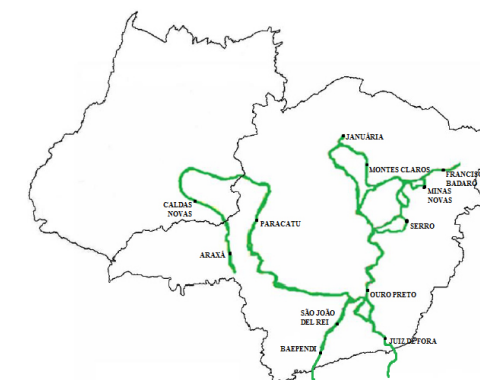
“As matas conservaram-se muito espessas e exuberantes em todo o percurso até o Paraíba, e viajando-se através delas ouve-se às vezes o palrar dos papagaios e o alto canto metálico das arapongas. A Caapeba, uma pimenteira arbustiforme* com folhas redondas extraordinariamente grandes, é muito comum em todo esse trecho da floresta. **Piper umbellatum* L.”

C. J. F. Bunbury

Viagem de um naturalista inglês ao Rio de Janeiro e Minas Gerais, 1833-1835



P. umbellata, MHNJB-UFMG, Belo Horizonte



DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

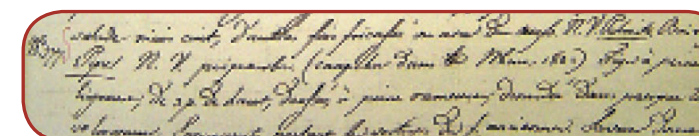
A caepeba vem sendo objeto de muitos estudos. Vários deles confirmaram a ação citotóxica, antioxidante, antitumoral, antimicrobiana, anti-inflamatória, analgésica e protetora solar de extratos da planta.

Sacoman e cols. *Braz J Med Biol Res* (2008) 41(5): 411-5.

Perazzo e cols. *J Ethnopharmacol.* (2005) 99(2): 215-20.

Ropke e cols. *Clin Exp Dermatol.* (2005) 30(3): 272-6. Ropke e cols. 2003 *Photochem Photobiol.* (2003) 78(5): 436-439.

Isobe e cols. *Yakugaku Zasshi.* (2000) 122(4): 291-294.



Cadernos de campo, “N.V. pariparoba”

CARAPIÁ

Nome Científico: *Dorstenia* spp.

Família: MORACEAE

Outros nomes populares: caapiá, caá-piá-de-pisão, contra-erva, caiapiá, piã



Dorstenia sp., Lassance



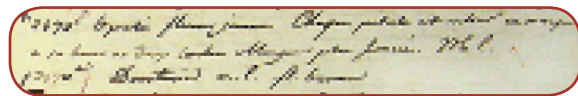
Raízes comercializadas

“Em sua maior parte, os arbustos e plantas menores são medicinais, e o povo está bem a par de sua utilidade. Além da Cinchona há o carapiá*, muito bom para as dores no peito, que perfuma o ar, do mesmo modo que o saudável alecrim-do-campo (*Lantana microphylla*, Mart.), uma labiada.”

*Corruptela de caa-pia ou piã (coração, fígado), uma Morácea.”

R. Burton

Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho, 1869



Cadernos de campo, “Dorstenia”

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Não foram encontrados resultados de pesquisas farmacológicas recentes sobre esta planta.

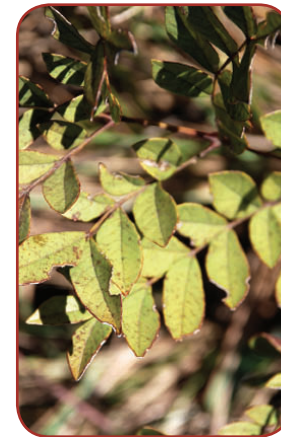
CAROBA

Nome Científico: *Jacaranda caroba* (Vell.) A. DC.

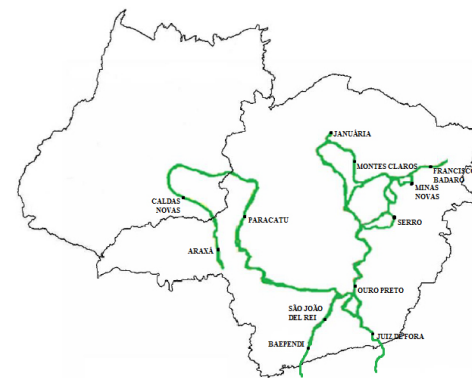
Família: BIGNONIACEAE

A planta inteira é usada para tratar doenças venéreas.

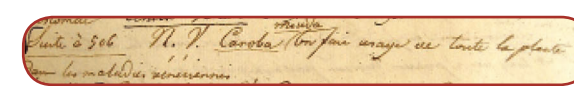
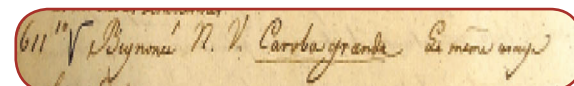
A. de Saint-Hilaire (cadernos de coleta)



J. caroba, Reserva Natural do Caraça



MNHN Paris



Cadernos de campo: “N.V. Caroba” e “N.V. Caroba grande”

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Não foram encontrados resultados de pesquisas farmacológicas recentes sobre esta planta.

CARQUEJA-AMARGA

Nomes Científicos: *Baccharis trimera* (Less.) DC.,
Baccharis genistelloides (Lam.) Pers.
 Família: ASTERACEAE

Outros nomes populares: carqueja-amargosa,
 quina-de-condaime

“A *Baccharis trimera*, de De Candolle, (*B. genistelloides*, de muitos autores), é uma planta muito comum ao lado dos caminhos através de toda a região florestal, e igualmente assim nas colinas descampadas no distrito das minas de ouro, especialmente em volta de Gongo Soco. Seu aspecto é muito singular; não tem folhas, porém, o caule e os galhos são orlados em todo o seu comprimento com três largos e chatos desabrochamentos ou asas, da textura e cor de folhas. É excessivamente amarga, e muito usada em medicina (especialmente como remédio para cavalos) pelos brasileiros, que a chamam de Carqueja.”

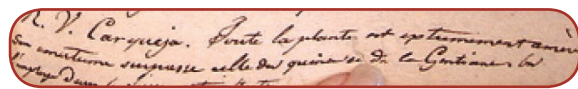
C.J.F. Bunburry
 Viagem de um naturalista inglês
 ao Rio de Janeiro e Minas Gerais,
 1833-1835



B. trimera, Itabirito e Itambé do Mato Dentro



Coletada por
 A. de Saint Hilaire,
 MNHN Paris



Cadernos de campo, “N.V. Carqueja”. Toda a planta é extremamente amarga, e ultrapassa a quina de Genciana. Empregam-se contra as febres intermitentes.

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

A carqueja tem sido objeto de inúmeros estudos que confirmaram seu efeito como antiviral, anti-artrítica, protetora gástrica e hipotensora.

Abad e cols. *Curr Top Phytochem.* (2004) 6:113-123.

Felzenswalb & Sabino. *Toxicol Lett.* (2004) 154(1-2): 69-80.

González e cols. *J Ethnopharmacol.* (2000) 70(3): 329-333.

Torres e cols. *Phytochem.* (2000) 55(6): 617-619.

CASCA D’ANTA

Nome Científico: *Drimys winteri* J. R. Forst. & G. Forst.

Sinônimo: *Drimys granatensis* Mutis ex L. f.

Família: WINTERACEAE

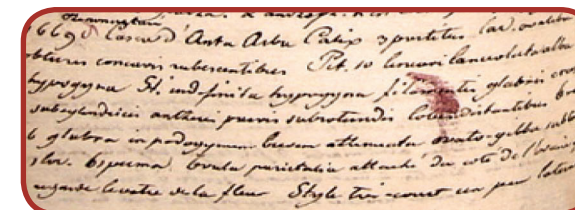
Outro nome popular: Casca-de-anta

“O nome vulgar dessa planta é Casca d’Anta. Esse nome lhe foi dado, dizem os brasileiros, porque o animal anta, segundo eles, por causa de frequentes cólicas, arranca para se curar a casca das Drímis, e revelou assim aos homens as virtudes desse vegetal. Qualquer que seja essa tradição, provavelmente fabulosa, a *Drymis Granatensis* ou Casca d’Anta é atualmente um remédio muito apreciado pelos habitantes do interior do Brasil, e do qual fazem em geral muito uso. Um sabor aromático e fortemente estimulante caracteriza a casca e mesmo as folhas da Drímis, e em consequência, os brasileiros fazem um feliz uso das propriedades dessa planta empregando-a como tônico para curar das cólicas e dos males de estômago.”

Auguste de Saint-Hilaire
 Plantas Usuais dos Brasileiros, 1824



D. winteri, Reserva Ecológica do Tripuí, Ouro Preto



Cadernos de campo, “Casca d’Anta”



À esquerda, amostra coletada por A. de Saint-Hilaire, MNHN Paris; à direita, Plantas Usuais dos Brasileiros

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

A planta contém um sesquiterpeno chamado poligodial, cujos efeitos como anti-inflamatório, antialérgico e analgésico foram confirmados.

Cunha e cols. *Life Sci.* (2001) 70(2): 159-169.

Mendes e cols. *J. Pharm Exper Ther.* (2000) 292(1): 164-172

CHÁ-DE-PEDESTRE

Nome Científico: *Lippia spp.*

Família: VERBENACEAE

Outros nomes populares: chá-de-frade, chá-falso, capitão-do-mato, camará

“Não deixei Tapanhuacanga sem ir herborizar nas montanhas denominadas Serra da Candonga que dominam a povoação pelo lado de oeste. Após atravessar o pequeno vale em que corre o Riacho do Arraial de Baixo, transpus uma capoeira muito cerrada, depois penetrei em uma mata virgem e cheguei as montanhas onde grandes rochedos quartzosos se mostram a descoberto. Encontrei aí Melastomáceas e várias espécies de Utriculária sem folhas; a planta, porém, que mais merecia minha atenção era uma camará (*Lantana pseudo-thea*, N.), que se conhece no local pelo nome de capitão-do-mato ou chá-de-pedestre. Essa espécie, muito aromática, tem folhas viscosas; secam-se estas, e seu decocto fornece uma bebida extremamente agradável que eu preferia ao chá e que, com um sabor muito mais pronunciado, não tinha, sem dúvida, os mesmos inconvenientes.”

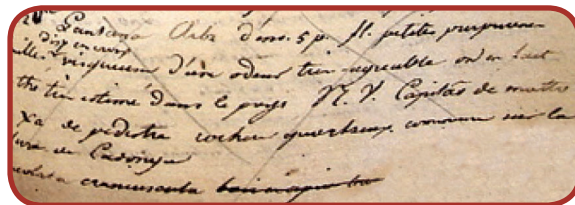
A. de Saint-Hilaire
Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais, 1830



Lippia sp., Curvelo



Amostra-tipo coletada por A. de Saint-Hilaire, MNHN Paris; desenho feito a partir da amostra-tipo, *Plantas Usuais dos Brasileiros*, 1824



Cadernos de campo, “NV Capitão do mato”

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Não foram encontrados resultados de pesquisas farmacológicas recentes sobre esta planta.

COLHER-DE-VAQUEIRO

Nome Científico: *Salvertia convallariodora* A. St-Hil.

Família: VOCHYSIACEAE

Outros nomes populares: pau-de-arara, folha larga

“De Arraias a São Romão. Observei, desde a descida da Serra, que as árvores eram bem diferentes das que até então havíamos encontrado, assemelhando-se muito mais às do sertão do Piauí: eram a çambaíba (*Curatela cambaiba*, St Hilaire), a folha larga (*Salvertia convallariodora*, St Hilaire) duas espécies arbóreas de bignonia, com flores amarelas, e a sucupira (*Commilobium polygalaeiflorum*, Benth), além de uma bela *Gerascanthus*, produzindo grandes panículas de flores brancas, uma paineira (*Bombax*) e uma *Rhopala*, de folha simples.”

George Gardner
Viagem ao interior do Brasil, 1846



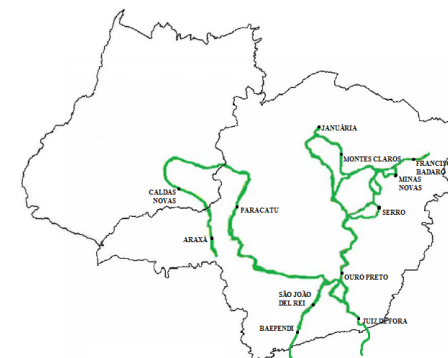
S. convallariodora, Lassance



Amostras-tipo coletadas por A. de Saint Hilaire, MNHN Paris.

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Não foram encontrados estudos farmacológicos recentes sobre esta planta.



COPAÍBA

Nome Científico: *Copaifera* spp.

Família: FABACEAE - CAESALPINIOIDEAE

Outros nomes populares: copaíba, pau-de-óleo, pau d'óleo.



Coleta do bálsamo em Itabira



MNHN Paris

“Já falei das riquezas minerais do Brasil, de suas lavras de ouro e diamantes. O reino vegetal não é menos rico. Vimos quantas espécies novas existem nas profundezas de suas florestas virgens, onde o homem só penetra com dificuldade, e onde tão brilhantes coletas ainda estão ao alcance dos botânicos; madeiras de construção, de carpintaria, de marcenaria e de tintura; árvores que fornecem um licor agradável; as que dão a goma elástica, o bálsamo de copaú, a goma elemi; o pau-brasil, a casca de tabauga e de sapucaia; três espécies de quina, palmeiras sem conta, salsaparrilha, ipecacuanha, mamona e outras plantas medicinais; a cana de açúcar, o café, o algodão, o anil, o tabaco, a vinha, a oliveira, a figueira.”

A. D'Orbgni, Viagem pitoresca através do Brasil, 1836

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Existem mais de 20 espécies de copaíbas no Brasil, especialmente na região amazônica. A *C. langsdorffii* ocorre em Minas Gerais. Diversos estudos confirmaram os efeitos anti-inflamatórios, antitumorais e bactericidas dos bálsamos extraídos dessas plantas.

Santos-Júnior e cols. J Nat Med. (2010) 64(2):231-8. / Stupp e cols. T. Biores Techn. (2008) 99(7): 2659.

DOURADINHA-DO-CAMPO

Nome Científico: *Palicourea rigida* Kunth

Família: RUBIACEAE

Outro nome popular: gritadeira

“Diurética, pode curar boubas e eliminar toxinas da urina. As folhas em decocção tem bom efeito na hidropsia”.

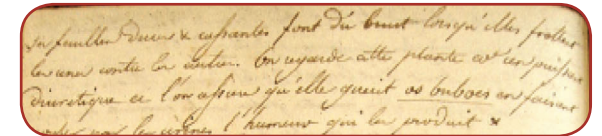
A de saint-Hilaire (cadernos de coleta)



P. rigida, Curvelo



MNHN Paris



Cadernos de campo: “...se emprega esta planta como diurética...”

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Não foram encontrados estudos farmacológicos recentes sobre esta planta.

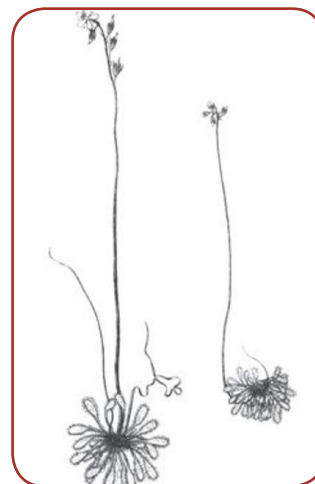
DROSEIRA

Nome Científico: Drosera spp.

Família: DROSERACEAE

“EXCURSÃO À ERMIDA DE NOSSA SENHORA MÃE DOS HOMENS. “Dois dias depois, galgamos uma das altas montanhas que rodeiam essa planície. À medida que subíamos, a vegetação que se tornava menos vigorosa e mais variada, e vimo-la mudar constantemente, conforme a altura. Encontrei, entre outras, algumas plantas da família da ericáceas; várias umbelíferas de folhas simples; grande número de Eriocaulons; duas ou três espécies de Vellozia; uma surpreendente variedade de melastomatáceas de folhas pequenas; uma soberba Utriculária de flores róseas quase do tamanho das do Antirrhinum majus; uma Apocinácea de corolas quase tão grandes como as do Nerium oleander; uma Drosera de folhas lineares, que cresce em um lugar bastante seco, bem no alto da montanha (Drosera graminifolia, Aug. de Saint-Hil.); devi, finalmente, ao Sr. Langsdorff uma Sauvagesia de caules lenhosos, folhas semelhantes às das urzes, e cujos ramos delicados acima terminam por um pequeno ramalhete de flores róseas (Lavrada ericoides, Aug. de Saint-Hil.).”

A. de Saint-Hilaire
Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais, 1830



Acima, Drosera sp.,
Reserva Natural
do Caraça;
ao lado, Plantas
Usuais dos Brasileiros

114 Drosera de rocha em la Drosera communis: Desp. us

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Não foram encontrados estudos farmacológicos recentes sobre esta planta.

EMBAÚBA

Nomes Científicos: *Cecropia* spp.

Família: URTICACEAE

Outros nomes populares: Imbaúba, ambaúva, ambaitinga, umbaúba, embira, imbaíba, árvore-da-preguiça

“A árvore-da-preguiça, é assim chamada porque aquele animal sobe nela, especialmente à noite, para comer os brotos e as folhas novas, até deixá-la como um esqueleto. Essa Morácea é chamada pelos Tupis de “umbaúba” ou “umbahuba”, também escrita “ambabam”, “ambaíba”, “imbaíba” e muitas outras formas, mas não “embeaporba” como faz Mr. Walsh. Mr. Hinchcliff (Esboços Americanos, cap.Xii) a chamam de “sumambaia”, que designam um Filix. Os selvagens fazem diferença entre a *Cecropia palmata* e a *Cecropia peltata*, especificando a última como “ambaitinga”, ou “a branca”, porque suas folhas velhas são cobertas por uma lanugem esbranquiçada, frequentemente voltadas pra cima, como se tivessem sido alvejadas, e mancham de branco a copa da árvore. A folhagem nova é conhecida por sua brilhante cor vermelha, que concorre muito para a sua beleza. Os brasileiros também separam duas espécies: a roxa e a branca.”

R. Burton
Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho, 1869



Cecropia sp., estrada entre Caeté e Sabará



Amostra-tipo, MNHN Paris

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

A planta apresentou efeito hipotensor, antioxidante e hipoglicêmico em testes in vitro e in vivo.

Andrade-Cetto e cols. Pharmacol online (2007) (3): 203-210.

Silva e cols. Food Chem. (2006) 101(3): 1012-1018.

Nicasio e cols. Phytoter Res. (2005) 19(8): 661-664.

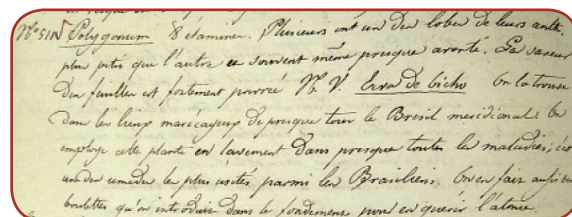
Lacaille-Dubois e cols (2001). Phytomed. 8(1) : 47-52.

ERVA-DE-BICHO

Nome Científico: *Polygonum hydropiperoides* Michx.
 Família: POLYGONACEAE



Acima, *Polygonum* sp., Caeté;
 à esquerda, amostra coletada
 por
 A. de Saint-Hilaire, MNHN
 Paris;
 abaixo, cadernos de campo,
 "N.V. Erva de bicho"



DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Vários estudos mostraram efeito com outras espécies de *Polygonum* e encontram-se publicados. Não foram encontrados, no entanto, resultados de pesquisas com a *P. hydropiperoides*.



R. Burton
 Viagem do Rio de Janeiro
 a Morro Velho, 1869

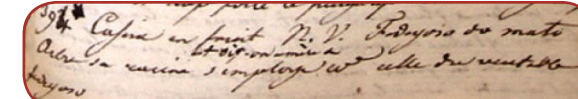
FEDEGOSO

Nome Científico: *Senna occidentalis* (L.) Link
 Família: FABACEAE - CAESALPINIOIDEAE

Outros nomes populares: quitoco, tririqum, fedegoso-do-mato, gajamarioba



Acima, *S. occidentalis*,
 Rio Espera; à
 esquerda, amostra
 coletada por A. de
 Saint-Hilaire, MNHN;
 abaixo, cadernos de
 campo, "N.V.
 Fedegoso do mato"



"Guaicuí. O simples viajante passa por esses lugares sem perigo. Quem sofre das sezões é o entusiasta da ciência, que passa semanas e meses colhendo objetos curiosos de História Natural, ou o comerciante, descuidado das conseqüências, na procura de dólares. Em via de regra, no São Francisco, as febres, embora às vezes do tipo maligno, geralmente não passam de "acessos" e os moradores, não podendo obter o quinino, que é muito caro, tratam delas com símplices, tais como o sal amargo, quina antifebril, o fedegoso purgativo e a amarga raiz de cipó-de-mil-homens ou de jarrinha (uma *Aristolochia* diaforética e diurética)."

R. Burton,
 Viagem de canoa de Sabará ao Oceano
 Atlântico 1969

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

As raízes do fedegoso contêm substâncias do grupo dos antracênicos, que possuem propriedades laxantes por irritarem a mucosa intestinal. Estudos evidenciaram que o uso prolongado desta planta deve ser evitado.

Barbosa-Ferreira e cols. Food Chem Toxicol. (2005) 43(4): 497-503.

Nadal e cols. Pathol Res Pract. (2003) 199(11): 733-7.



FRUTOS NATIVOS





“Perguntou-se muitas vezes se os frutos indígenas do Brasil eram superiores aos da Europa, ou se estes últimos mereceriam a preferência; mas essa questão, habitualmente mal colocada, quase nunca é decidida com justiça. É incontestável que os frutos da Europa, tais como hoje os comemos, são bem mais saborosos que os do Brasil; mas é preciso não se esquecer de que eles são o resultado de uma cultura de vários séculos, ao passo que os frutos indígenas do Brasil estão ainda quase todos em estado selvagem. Se quisermos ser justos, não compararemos pois estes últimos com as maçãs, as peras, e as ameixas de nossos jardins, mas com as que nascem naturalmente em nossos bosques; e, então, não se hesitará um só instante em dar a preferência aos frutos do Brasil. Encontramos nas florestas e nas savanas dessa bela região, uma multidão de frutos que se pode comer com prazer, logo, é de se crer que eles não permanecerão inferiores aos nossos, quando se lhes der algum cuidado. As jaboticabeiras transportadas das florestas aos jardins de São Paulo e do Tejuco, aí produziram frutos deliciosos, unicamente porque aí encontraram um terreno que mais lhes convinha. Como não seria se eles tivessem sido aperfeiçoados por sementeiras feitas em terras misturadas com arte, e por enxertos repetidos várias vezes, seja na própria espécie, seja em espécies vizinhas!”

A. de Saint-Hilaire
Plantas Usuais dos Brasileiros, 1824

Na maioria das vezes, os vaqueiros não levam consigo nenhuma provisão; vivem de leite cru, de coalhada misturada com mel, e de várias espécies de frutos selvagens, que se sucedem quase durante toda a estação da cria dos bezerros e potros. Esses frutos são várias espécies de Araticú (*Annona*), a Guabioba (*Psidium*), várias espécies de araçá (*Psidium*), a jaboticaba (fruto que se prende ao tronco de uma *Mirtácea*), várias espécies de Murici (*Malpighiaceae*), o guiqui, o humbu (*Spondias tuberosa*), o genipapo (*Genipa amaricana*, L.), o burity (palmeira *Mauritia vinifera*, Mart.), a mangaba (*Apocynaceae*, *Hancornia speciosa*, Gom.), duas espécies de goiabas, diversas variedades de Bacopará (*Sapotaceae*), a palmeira, *Cocus oleracea*, Mart., a Pitomba (*Sapindus esculentus*, St. Hil. Jus. Camb.), a Mutamba (*Guazuma ulmifolia*, Aug. de Saint-Hil.), a Marmelada, o Indaiá (palmeira), a Cagaiteira (*Myrtus dysenterica*, Mart.), várias espécies de ingás (leguminosas), o jatobá (leguminosa), o borulé, urticácea”.

A. de Saint-Hilaire
Viagem pela províncias do rio de Janeiro e Minas Gerais, 1930



ARATICUM

Nome Científico: *Annona* spp.

Família: ANNONACEAE



Diferentes tipos de Araticuns sp., Curvelo



Coletadas por E. warming em Lagoa Santa, MNHN Paris.

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Os araticuns são ricos em substâncias antioxidantes, que são capazes de prevenir várias doenças. Estudos demonstraram também atividade antibacteriana e citotóxica de substâncias dessas plantas.

Roesler e cols. Cien Tec Alim. (2007) 27(1): 53-60.

Takahashi e cols. Nat Prod Res. (2006) 20(1): 21-26.

CAGAITEIRA

Nome Científico: *Eugenia dysenterica* DC.

Família: MYRTACEAE

“Nossa visita seguinte foi às pequenas lagoas e às vastas formações de pedra calcária a noroeste da fazenda. Passamos por um antigo serviço de mineração, um corte aberto de onde já foi tirado muito ouro pelos antigos. Dali seguimos por um campo manchado aqui de solo rico e vermelho, ali branco de saibro. Não faltavam, também, bons pastos, e o gado da fazenda foi avaliado, segundo me informaram, em £4.000. A vegetação era a dos campos de perto de Barbacena, sendo as árvores o muito retorcido barbatimão, o pataro, grão-de-galo, piqui, tingui e sucupira. Além dessas, notei sambaíba (*Curatella sambaiba*), também escrita “sambaúba” de frutos desvaliosos, folhas duras, usadas para escovar panos e uma casca adstringente, boa para curtume e para tratamento de feridas; produz o efeito do iodo, curando inflamações crônicas. Outra árvore comum é a cagaiteira (*Eugenia dysenterica*), um nome bem deselegante, mas uma bela planta, com flores alvas e folha que produz leite; o fruto, semelhante a um morango; a cagaita, é um purgativo muito forte.”

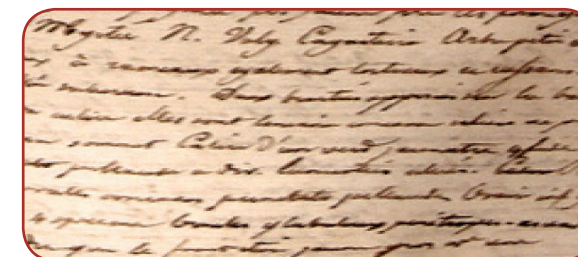
R. Burton / Viagem de canoa de Sabará ao Oceano Atlântico, 1869



E. dysenterica, Curvelo



MNHN Paris



Cadernos de campo, “N. Vulg Cagaiteira”

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

A cagaita é muito rica em vitamina A. As folhas apresentam efeito antioxidante e antifúngico.

Roesler e cols. Cien Tec Alim (2007) 27(1): 53-60.

Costa e cols. J. Ethnopharmacol. (2000) 72 (1,2): 111-117.

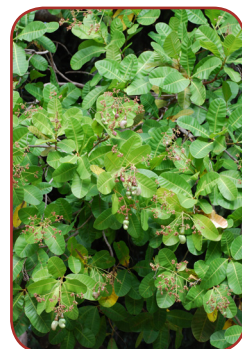
CAJUEIRO

Nome Científico: *Anacardium occidentale* L.
 Família: ANACARDIACEAE

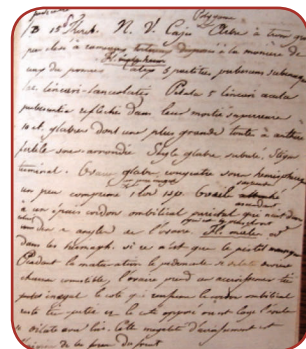
Outros nomes populares: acaju, caju



A. occidentale, Brasília de Minas



XXXXXXXXXXXXXXXXXX



Cadernos de campo, "N.V. Caju"

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

As cascas do tronco do cajueiro são ricas em taninos, substâncias anti-inflamatórias e cicatrizantes. Pesquisas recentes mostraram também que a membrana que reveste a castanha do caju contém uma substância que inibe o crescimento de micro-organismos causadores da cárie.

Green e cols. Eur J Med Chem. (2008) 43(6): 1315-1320.

C.J.F. Bunburry
 Viagem de um naturalista inglês ao
 Rio de Janeiro e Minas Gerais, 1833-1835

COCO-DE-PURGA

Nome Científico: *Joannesia princeps* Vell. Família: EUPHORBIACEAE

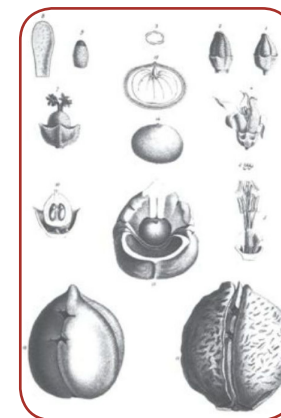
Outros nomes populares: andaiçu, purga-dos-paulistas, fruta-de-arara, anda-açu, indaiacú, purga-de-gentio, cutieira, andaaçu, anda, indaiá-açu

“Sabe-se que as plantas da família das Euforbiáceas, à qual pertence a Anda, possuem geralmente propriedades purgativas, mais ou menos energizantes; que essas propriedades são distribuídas em graus diversos nas diversas partes do vegetal, e parecem mais comumente concentradas no embrião. (...) e esta propriedade, da qual os brasileiros tiram partido, parece ser conhecida deles desde tempos imemoriais. (...) Realmente, uma ou duas dessas sementes, comidas cruas, determinam a purgação, e algumas vezes também os vômitos.”

A de Saint-Hilaire,
 Plantas Usuais dos Brasileiros, 1824



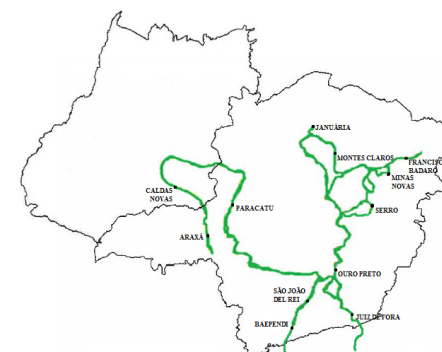
J. princeps, MHNJB - UFMG, Belo Horizonte



Plantas Usuais dos Brasileiros

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

O coco contém um óleo que produz intenso efeito purgante. Não deve ser usado. Não foram encontrados estudos farmacológicos recentes com a planta.



GABIROBA

Nome Científico: *Campomanesia pubescens* (DC.) O. Berg

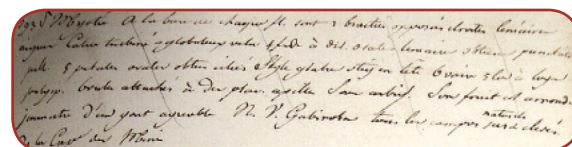
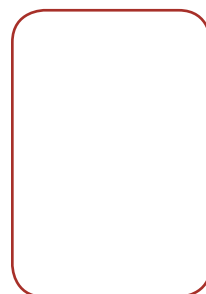
Família: MYRTACEAE
Outro nome popular: guabiroba

“VILAS DE BARBACENA E QUELUZ. A região que percorremos por espaço de algumas léguas entre Barbacena e a pousada chamada Padre Anastácio, nome do seu atual proprietário, é semelhante à que havíamos palmilhado desde nossa entrada nos campos. São ainda morros arredondados e pouco elevados cobertos de pastagens, e as moitas de arvoredo continuam sempre a se mostrar por aqui e ali nos vales. As gramíneas formam a massa da vegetação; mas no meio delas se encontram muitos sub-arbustos de pé a pé e meio, entre eles Apocináceas, encantadoras Melastomáceas de pequenas folhas, algumas Malváceas, uma Cuphea que, pela folhagem, haste delgada e flores purpurinas lembra certas urzes; finalmente, uma espécie de *Psidium*, ao qual se dá o nome de gabiroba, e cujo fruto amarelado e pouco menor que uma cereja é comestível.”

A. de Saint-Hilaire
Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais, 1830



C. pubescens, Ouro Preto e Parque Nacional da Serra do Cipó



Cadernos de campo, “N.V. Gabiroba”

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Um estudo avaliou e confirmou a possibilidade da polpa dos frutos ser usada na produção de bebidas fermentadas.

Duarte e cols. *J Ind Microb Biotechnol.* (2009) 36(4): 557-69.

GOIABEIRA

Nome Científico: *Psidium guajava* L. Sinônimo: *Psidium pomiferum* L.

Família: MYRTACEAE
Outros nomes populares: guaiaba, goiaba



P. guajava, Curvelo



UFOP

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

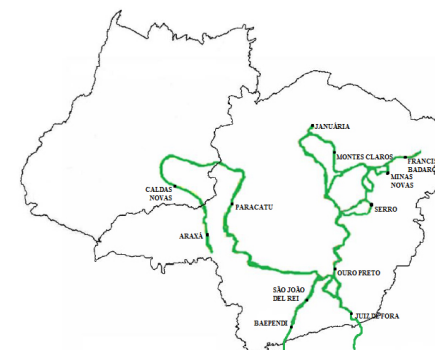
Em estudos recentes foram confirmadas as ações antioxidante e bactericida dos flavonoides e taninos da planta. Uma patente foi registrada para uso no tratamento de distúrbios gastrointestinais.

Marquina e cols. *Arch Latinoam Nutr.* (2008) 58(1): 98-102.

Chen e cols. *Food Chem.* (2007) 104(4): 1418-1424.

Chen e cols. *Food Chem.* (2006) 101(2): 686-694.

Lozoya e cols. *PCT Int. Appl.* (2006) 45pp.



JATOBÁ

Nome Científico: *Hymenaea courbaril* L.

Família: FABACEAE – CAESALPINIOIDEAE

Outros nomes populares: jetahy, jatahy, jetaí, jataí-uva, jetaíba, abati-timbahy, jataí



H. courbaril, Curvelo e Lassance



DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

O Jatobá é uma planta muito estudada, especialmente pelos japoneses, que patentearam diversos produtos para uso contra queda de cabelo, clarear a pele, contra doenças auto-imunes e contra a hipertrofia da próstata. Este é um exemplo de planta brasileira que vem sofrendo intensas ações de biopirataria.

Kurita e cols. (2007) Jpn. Kokai Tokkyo Koho. 23pp.

Kobayashi e cols. (2005) PCT Int. Appl. 160 pp.

Sato e cols. (2000) Jpn. Kokai Tokkyo Koho.

MANGABEIRA

Nome Científico: *Hancornia speciosa* Gomes

Família: APOCYNACEAE

Outro nome popular: mangaba

“Volta de Goiás pelo sertão dos xavantes. A paisagem era bastante pitoresca; a vista era limitada por um magnífico buritizal, de onde o nosso pessoal não tardou a arrancar as grandes palmas em leque, para construir um sete ou oito ranchos à prova de chuva. Nesses campos, grande era a atividade da vegetação, não sendo isso devido somente às chuvas, mas também as queimadas feitas pouco tempo atrás. Entre outras plantas, havia uma grande quantidade de bonitas Malpiguiáceas de flores douradas e frutos vermelhos, várias Compostas de belas cambiantes róseas e purpúras, Amarantáceas de capítulos prateados ou citrinos. Encontravam-se também em toda a região grande número de frutos silvestres; era aí abundante o caju (*Anacardium occidentale*), a cagaiteira, o puçá, a jabuticaba do campo, de polpa muito semelhante à do abricó europeu.

Encontramos com muita frequência a mangabeira (*Hancornia speciosa*), cujo fruto açucarado só é bom depois que todo o leite se transformou num xarope transparente, e o piqui (*Caryocar brasiliense*), de fruto muito apreciado, apesar de o termos achado de sabor pouco agradável.”

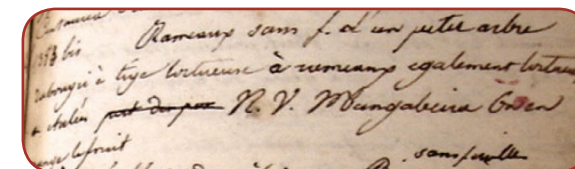
Conde de Castelnau



H. speciosa, Parque Mangabeiras - Belo Horizonte



MNHN Paris e UFJF



Cadernos de campo, “N.V. Mangabeira”

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

A mangaba é rica em vitamina C. Estudos in vitro demonstram seu potencial como antimicrobiano e no tratamento de hipertensão arterial.

Costa e cols. *Phytother Res.* (2008) 22(5): 705-7.

Ferreira e cols. *J Ethnopharmacol.* (2007) 109(1): 161-164.

MARACUJÁ-DE-ESTRALO

Nome Científico: *Passiflora foetida* L.

MARACUJÁ-GRANDE

Nome Científico: *Passiflora alata* Curtis

“DE PETRÓPOLIS A JUIZ DE FORA. Prosseguindo viagem, encontramos subidas íngremes e um morro empinado, coberto de brincos-de-princesa ostentando lindos lírios, plantas parasitas e uma profusão de maracujás ou flores-da-paixão, nativas, um dos presentes do Novo ao Velho Mundo.”

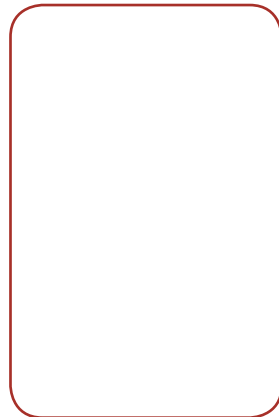
R. Burton, Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho 1869



P. foetida, Jardin des Plantes, MNHN Paris e amostra depositada na UFOP



P. alata, MHNJB-UFMG e amostra depositada na UFJF



DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Estudos demonstraram efeito antioxidante e sedativo das folhas e frutos da planta, e esta ação é devida à presença de flavonoides.

Rudnicki e cols. Food Chem. (2006) 100(2): 719-724.
De-Paris e cols Acta Farm Bonaer. (2002) 21(1): 5-8.

MURICI

Nome Científico: *Byrsonima* spp.

Família: MALPIGHIACEAE

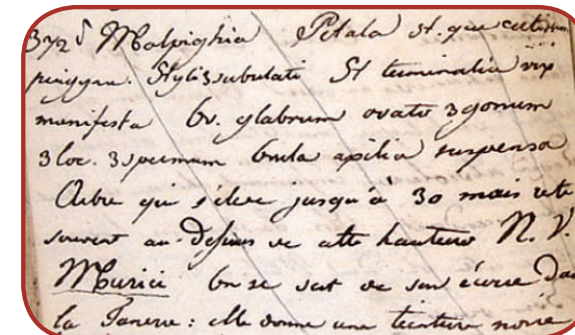
Outro nome popular: guiné

“Não se empregam para o cortume indiferentemente as cinzas de todas as árvores: preferem-se no sertão a do angico (Leguminosa), do pau-pobre (Euforbiácea), do imbiruçu, da fruta-do-lobo (Solanum lycocarpum, N.) etc. Em outras zonas da Província de Minas, que não o deserto, são empregados, para curtir, o cortex da Canafístula (Cathartocarpus brasilianta, Jacq. ex Mart.), da do muricí (Malpigiáceas), da do barbatimão (Acacia adstringens, Mart.). Em vez de bangués, vários fazendeiros empregam troncos de árvores escavadas, e não é mesmo senão na falta de troncos que se empregam os bangués. De mais a mais, o método que acabo de descrever não é exatamente o mesmo para todos os colonos: alguns deixam os couros mergulhados durante mais tempo na cinza, outros deixam-nos mais na água, etc., etc.”

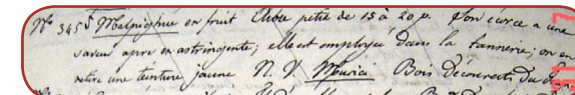
A. de Saint-Hilaire
Viagem pelas províncias do
Rio de Janeiro e Minas Gerais, 1830



Goiás Velho



Cadernos de campo, “N.V. Murici”



DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Não foram encontrados estudos farmacológicos recentes sobre esta planta.

**OUTROS FRUTOS
NATIVOS - frutos nativos**

ANANÁS
Nome Científico: *Annanas* spp.
Família: BROMELIACEAE



Annanas spp., Curvelo

ÁRVORE-DO-PAPEL
Nome
Família:

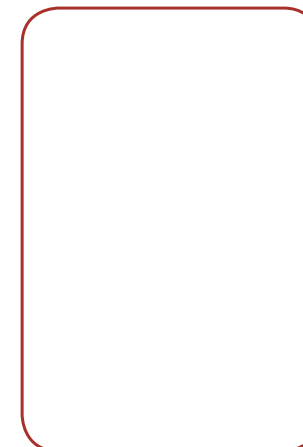


Goiás Velho

CHICHÁ
Nome
Família:



CAJUZINHO DO CAMPO
Nome
Família:



GRAVATÁ
Nome Científico: *Bromelia* spp.
Família: BROMELIACEAE



Bromelia spp., Rio Espera

JABOTICABEIRA
Nome Científico:
Família:



LINGUA DE TIÚ
Nome Científico:
Família:



SACARROLHA
Nome Científico:
Família:



Goiás Velho

SUCUPIRA-PRETA
Nome Científico:
Família:



Goiás Velho

MELANCIA-DO-CAMPO
Nome Científico: *Melancium* spp.
Família: CUCURBITACEAE



Melancium spp., Curvelo

SIMARUBA
Nome Científico:
Família:



PACARI
Nome Científico:
Família:

PEQUIZEIRO

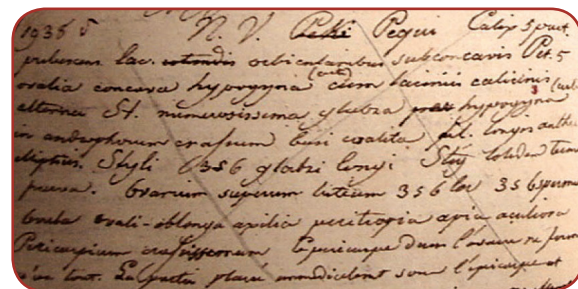
Nome Científico: *Caryocar brasiliense* Cambess.

Família: CARYOCARACEAE

Outros nomes populares: piqui, pequi



C. brasiliense, Curvelo e Lassance



Cadernos de campo, "N.V. Peki Pequi"

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Estudo recente mostrou que uma dieta contendo óleo de pequi, rico em carotenoides, é capaz de reduzir a peroxidação lipídica e, assim, o desenvolvimento de certos tipos de câncer.

Miranda-Vilela e cols. Genet Mol Res. (2009) 8(4): 1481-95.

“DE SÃO ROMÃO A JANUÁRIA. É chamado Pequizeiro*, devido à abundância que ali havia, antigamente, daquela árvore silvestre, e torna-se-á, provavelmente, a margem esquerda do Rio São Francisco. Sem dúvida alguma, é, mesmo agora, o ponto mais adequado para a localização da cidade, que uma linha de trilhos de madeira ligaria facilmente ao porto; a atmosfera é mais fresca e mais saudável, há fartura de água e de material de construção e as terras de suas proximidades, de solo vermelho e solto, são excelentes para o cultivo de algodão e da cana-de-açúcar.

* ... sua madeira é boa para fazer canoas, e o fruto, do tamanho de uma laranja, fornece uma polpa oleosa, farinácea e muito nutritiva...”

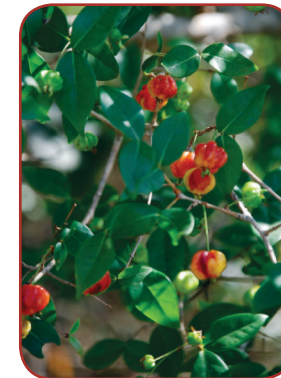
R. Burton
Viagem de canoa de Sabará
ao Oceano Atlântico, 1869

PITANGUEIRA

Nome Científico: *Eugenia uniflora* L.

Família: MYRTACEAE

Outro nome popular: pitanga



E. uniflora, MHNJB-UFMG, Belo Horizonte

“As praias perto do Rio são geralmente cercadas na extremidade superior das areias por uma faixa de arbustos, sempre verdes, o mais comum dos quais é a Pitanga, uma bela espécie de murta, (*Eugenia michellii*, De C.) com folhas muito lustrosas; suas sucosas frutinhas vermelhas, apesar de acres e de gosto ruim, em seu estado natural, servem para a confecção de um doce. Juntamente com este vegeta a *Sophora littoralis*, uma ou duas espécies de *Clusia*, uma palmeira anã cheia de espinhos e diversos outros arbustos, misturados de *Cactus* altos; e o chão, embaixo desses arbustos, é coberto por uma espécie de *Bromelia*, cujas folhas côncavas retêm água das chuvas, como numa taça.”

C.J.F. Bunbury

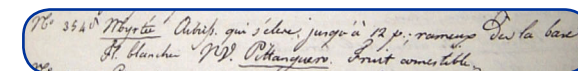
Viagem de um naturalista inglês ao
Rio de Janeiro e Minas Gerais, 1833-1835

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Estudo demonstrou atividade analgésica e antitérmica do óleo essencial das folhas da planta, bem como efeito contra a *Giardia*, parasita causador de diarreias.

Amorim e cols. Phytomed. (2009) 16(10): 923-8.

Brandelli e cols. Parasitol Res. (2009) 104(6): 1345-9.



GERVÃO

Nome Científico: *Stachytarpheta jamaicensis* (L.) Vahl

Família: VERBENACEAE

Outros nomes populares: urgevão, orgibão, jarbão

“Essa espécie, que cresce por toda a parte, foi necessariamente uma das primeiras que os brasileiros experimentaram nas suas enfermidades; mas, como tais experiências foram tentadas num monte de doenças que nada têm de comum entre si, e sempre se louva o remédio quando ele é acompanhado pela cura, é natural que se tenha acabado por atribuir ao Gervão propriedades muito diferentes nas diversas partes do Brasil. Essa planta é, pois, considerada, ora como estimulante, ora como febrífuga, ora vulnerária, etc, e recomenda-se àqueles que receberam fortes contusões beber o suco que se obtém de suas folhas ou beber uma infusão que se faz com elas.”

A. de Saint-Hilaire
Plantas Usuais dos Brasileiros, 1824



S. jamaicensis, Francisco Badaró



Minas Novas



Plantas Usuais dos Brasileiros,
1824

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

A planta foi avaliada e apresentou atividade analgésica, antiinflamatória, antioxidante e bactericida contra diferentes microorganismos.

Sulaiman e cols. Med Princ Pract. (2009) 18(4):272-9. Idu e cols. Res J Med Plant. (2007) 1(4): 149-153.

Alvarez e cols. Phytother Res. (2004) 18(6): 457-462.

ÍNDIGO

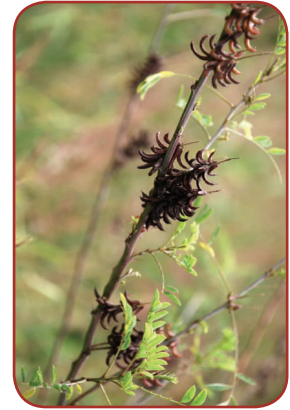
Nome Científico: *Indigofera suffruticosa* Mill. Família: FABACEAE - FABOIDEAE

Outros nomes populares: anil, anileira

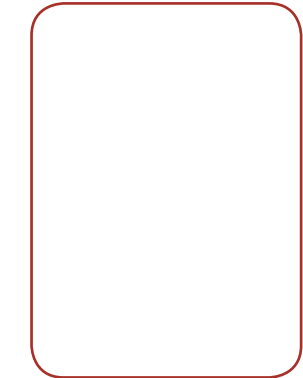
“O NORTE DE SÃO JOÃO DEL REI. A indústria da cidade está numa fase má. São João tem um banqueiro, o Capitão Custódio de Almeida. Panos de algodão e lã, lisos e listrados, são feitos a mão. São tingidos com índigo, urucu (a conhecida Bixa orellana) e outras tintas abundantes na região. Esses panos são resistentes e duram muito mais que os tecidos em máquinas; são caros, porém, a produção mal satisfaz o consumo local. Há plantações de chá, e o preparado pelo Padre Francisco de Paula Machado, em sua chácara, na estrada para Oliveira, é muito vendido em São João e apreciado no Rio de Janeiro.”

R. Burton

Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho, 1869



I. suffruticosa, Ouro Preto



DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

A planta contém alcaloides de coloração azulada, por isso já foi muito usada em tinturaria. Estudos feitos com a infusão e a maceração das folhas da planta evidenciaram atividade bactericida e antitumoral.

Calvo e cols. Evid Based Complement Alternat. (2009) 20.

Vieira e cols. Evid Based Complement Alternat. (2007) 4(3): 355-359.

Leite e cols. Evid Based Complement Alternat. (2006) 3(2): 261-5.



IPECACUANHA

Nome Científico: *Psychotria ipecacuanha* (Brot.) Stokes

Sinônimo: *Cephaelis ipecacuanha* (Brot.) A. Rich.

Família: RUBIACEAE

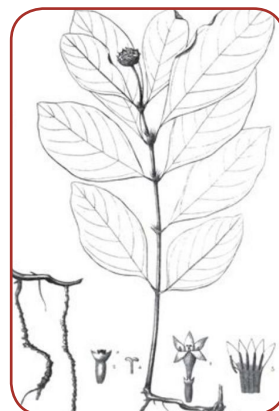
Outros nomes populares: poaia, ipê-cea-goene, poaya, poaya-do-mato, poaya-da-botica, ipécea-goente



P. ipecacuanha, coletada em Ferros



MNHN Paris



Plantas Usuais dos Brasileiros

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

O uso da ipecacuanha como vomitivo foi aprendido dos indígenas que habitavam a região da Mata Atlântica e esta ação é aproveitada até os dias de hoje. Existe, por exemplo, patentes para produtos, com a planta depositada no estrangeiro.

Saincher e cols. *J Toxicol Clinical Toxicol.* (1997) 35(6): 609-615.

Huckle 2001. *PCT Int. Appl.* 19 pp.

“No momento em que Spix e Martius chegaram à aldeia, os índios coroados estavam ocupados na colheita de ipecacuanha, no interior da mata. Nessas sombrias florestas, nas quais não se pode entrar sem uma escolta, sob as abóbadas formadas pelas árvores, jamais atravessadas pelos raios de sol, encontram-se numerosas plantas medicinais e, entre outras, a famosa raiz de ipecacuanha, cujo uso é tão comum na Europa. Essa raiz provém de um pequeno arbusto (*Cephaelis ipecacuanha*), que cresce sempre em grupos na parte mais elevada da Serra do Mar. O preço da raiz não é muito elevado nos lugares onde ela é colhida; paga-se, em geral, cerca de 200 réis por libra e, além disso, os índios mostram-se dispostos a trocá-la por artigos como aguardente, quinquilharia e lenços de algodão. Contaram, naquelas florestas, a Spix e Martius, que as virtudes da ipecacuanha tinham sido ensinadas aos selvagens pelo pássaro chamado irara, espécie de martim-pescador, que, segundo se diz, tem o hábito de comer a raiz e as folhas da planta, quando, em virtude de ter bebido água malsã de algum rio, quer provocar vômito. Essa é, sem dúvida, mais uma das mil tradições fabulosas que os portugueses receberam dos índios ou que eles próprios inventaram, achando que os índios não inventavam bastante lendas.”

A. D'Orbigny
Viagem pitoresca através do Brasil, 1836

IPÊ-ROXO

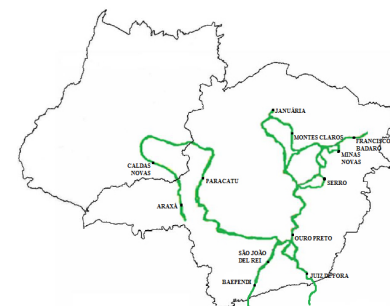
Nome Científico: *Tabebuia impetiginosa* (Mart. ex DC.) Standl.

Família: BIGNONIACEAE

Outro nome popular: pau-d'arco

“Não me descuidei de visitar a Vila de Guaicuí, que tem, de igreja a igreja, cerca de três quartos de milha. O caminho acompanha a margem direita do Rio das Velhas, que é apenas parcialmente sujeita às inundações; seu limite é denotado pelo capim muito verde e pelas almecegueiras de folhagem espessa; a árvore mais bonita é o pau-d'arco de flor roxa. Essa Bignoniácea, que dá muitas flores cor de malva, é usada como anti-sifilítica, e o cerne da madeira é de molde a cumprir o dever do “*lignum guaiacum*”.

R. Burton
Viagem do Rio de Janeiro
a Morro Velho, 1869



T. impetiginosa, Belo Horizonte

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

As cascas do ipê-roxo contêm substâncias que apresentam atividade antitumoral in vitro. Várias patentes foram depositadas para produtos com a planta, especialmente por americanos, coreanos e japoneses.

Kim e cols. *Biosci Biotech Biochem.* (2007) 71(9): 2169-2176.

Kung e cols. *J Cell Physiol.* (2007) 211(2): 522-532.

Woo e cols. *J Med Food.* (2006) 9(2): 161-168.

Lee e cols. *Exp Oncol.* (2006) 28(1): 30-35.

Woo e cols. *Int J Oncol.* (2005) 26(4): 1017-1023.

JAPECANGA

Nome Científico: *Smilax* spp.

Família: SMILACACEAE

Outros nomes populares: japi-canga, salsaparrilha, juapecanga, inhapecanga, japicanga.

“A cadeia particular das montanhas de Itabira, que deve necessariamente prender-se à grande cadeia interior, apresenta declives brandos para o oriente e outros mais rudes pelo lado ocidental. Dois picos muito elevados, um cônico e outro piramidal, revelam a extremidade da cadeia a dez léguas e até mais. O do norte tem o nome de Itabira, e pelo de Itabiruçu designa-se o mais meridional. Os cumes da cadeia e todos os morros isolados apenas apresentam vegetação magra; mas suas encostas são cobertas de boa terra vegetal, em que se desenvolvem madeiras de lei e várias plantas interessantes, tais como a Copaíba (Copaifera), as jabuticabeiras de frutos negros e amarelos (mirtáceas), o mate (*Ilex paraguariensis*, Aug. de S. Hil.), a japecanga (*Smilax*), a butua (*Abuta*), o ipemirim, a cinco folhas (Bignoneáceas), etc., etc.”

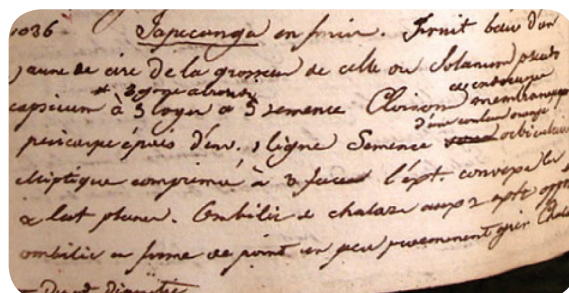
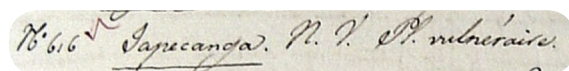
A. de Saint-Hilaire
Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais, 1830



Smilax sp., Curvelo



Diamantina



Cadernos de campo, “N.V. Japecanga Pl. Vulneraire”

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Várias patentes foram depositadas para diferentes espécies de *Smilax* e algumas delas relatam efeitos benéficos em problemas circulatórios e respiratórios.

Olalde e cols. U.S. Pat. Appl. Publ. (2007) 15pp.

Rigby e cols. U.S. Pat. Appl. Publ. (2003) 10 pp.

JARRINHA

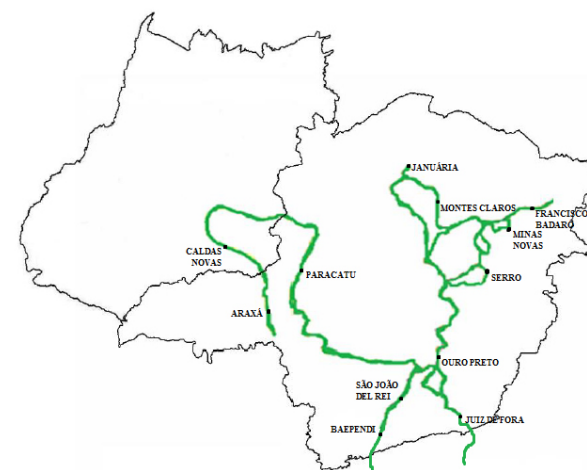
Nomes Científicos: *Aristolochia* spp.

Família: ARISTOLOCHIACEAE

Outros nomes populares: cassau, cipó-de-mil-homens, mil-homens

Descrição da Província de Goiás. Entre as plantas medicinais existentes na zona, merecem menção quatro variedades de ipecacuanha, o alcaçuz, a quina, a calumba, o mate, a jarrinha, o velame, o some, a cássia, a pequena centáurea, etc.”

Conde de Castelnau



Aristolochia sp., Santana do Riacho e Santa Bárbara



Amostra coletada por Riedel, MNHN Paris

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

A planta tem efeitos antimicrobianos, inclusive contra bactérias multirresistentes, isoladas de ambiente hospitalar.

Machado e cols. *Phytother Res.* (2005) 19(6): 519-525.

Alviano e cols. *Arch Oral Biol.* (2008) 53(6): 545-52.

JATOBÁ

Nome Científico: *Hymenaea courbaril* L.

Família: FABACEAE – CAESALPINIOIDEAE

Outros nomes populares: jetahy, jatahy, jetaí, jataí-uva, jetaíba, abati-timbahy, jataí

“Encontra-se nos arredores de Passanha uma casca avermelhada cujo sabor é muito mais fraco que o de canela da Índia, e que, no entanto, poderia substituí-la. A analogia me leva a crer que essa casca é a de alguma laurácea. Presentearam-me, também, na localidade, com um grande pedaço de resina amarelada, transparente, que não se funde na boca, e que se queima sem grande dificuldade, espalhando um cheiro fraco, mas bastante agradável. Essa substância é produzida pelas raízes de uma grande árvore que chamam jatobá (*Hymenaea courbaril*, L. ex Mart.). Os habitantes desse local dão muito valor à resina do jatobá para as moléstias do peito, que a empregam reduzida a pó.”

A. de Saint-Hilaire
Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais, 1830



H. courbaril, Curvelo e Lassance



DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

O Jatobá é uma planta muito estudada, especialmente pelos japoneses, que patentearam diversos produtos para uso contra queda de cabelo, clarear a pele, contra doenças auto-imunes e contra a hipertrofia da próstata. Este é um exemplo de planta brasileira que vem sofrendo intensas ações de biopirataria.

Kurita e cols. (2007) Jpn. Kokai Tokkyo Koho. 23pp.

Kobayashi e cols. (2005) PCT Int. Appl. 160 pp.

Sato e cols. (2000) Jpn. Kokai Tokkyo Koho.

LOBEIRA

Nome Científico: *Solanum lycocarpum* A. St.-Hil.

Família: SOLANACEAE

Outros nomes populares: fruta-do-lobo, árvore-da-batata.

“Início da viagem à província de Goiás. O arraial de Santa Luzia. Após subir a serra por alguns instantes, achei-me num planalto imenso, deserto e bastante regular, coberto ora de pastagens naturais salpicadas de árvores raquíticas, ora exclusivamente de gramíneas, de algumas outras ervas e de subarbustos. Quanto às árvores, registrarei unicamente um *Solanum*, de frutas grandes como maçãs, a que dão o nome de fruta-de-lobo (*Solanum lycocarpum*, Aug. de S. Hil.), e várias Apocináceas, entre as quais a que é usada na região como purgativo e é chamada de tiborna (*Plumeria drastica* Mart.). Todas as plantas, ressecadas pelo ardor do sol, tinham uma coloração amarela ou cinza, que afligia o olhar.”

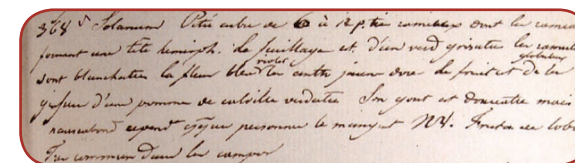
A. de Saint-Hilaire Viagem à Provincia de Goiás
1830



S. lycocarpum, Catas Altas



Coletada por
A. de Saint-Hilaire, MNHN Paris



Cadernos de campo, “N.V. Fruta do lobo”

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Estudos confirmaram sua ação como antioxidante e anti-inflamatória de substâncias da planta e patente foi depositada por japoneses.

Yoshikawa Jpn. Kokai Tokkyo Koho (2007), 22pp.

Roesler e cols. Cien Tecn Alim. (2007) 27(1): 53-60.

Vieira e cols. Phytother Res. (2003) 17(8): 892-6.

MACAÚBA

Nome Científico: (Jacq.) Lodd. ex Mart.

Sinônimo: *Acrocomia sclerocarpa* Mart.

Família: ARECACEAE

Outros nomes populares: palmeira-macaúba, coco-de-catarro, mucajá



A. aculeata, Januária



MNHN Paris

“São João Del Rei. Para ir a S. João continuei a atravessar o plano onde fica o Rancho do Marçal e cheguei a um vale que se prolonga perpendicularmente a esse plano. Aí gozei a vista mais risonha que se me ofereceu depois que viajava na Província de Minas. Frequentemente havia admirado belezas majestosas, mas sempre ásperas e selvagens; pela primeira vez depois de 15 meses, tive olhos postos em uma paisagem que tem qualquer coisa desse ar de alegria a que as paisagens francesas devem tanto encantos. O vale é muito vasto e margeado por pequenas colinas cobertas de relva. Um regato aí serpenteia e de um lado avistam-se numerosas casas de campo, todas dotadas de um jardim, onde, entre as moitas de bananeiras e laranjeiras se elevam várias palmeiras, entre outras a elegante espécie que já descrevi sob o nome de Macaúbas (*Acrocomia sclerocarpa* Mart.).

A. de Saint-Hilaire Viagem pelos distritos dos diamantes e litoral do Brasil, 1830

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

O óleo de macaúba, bem como de várias outras palmeiras nativas, vem sendo avaliado, visando verificar seu potencial na alimentação e na produção de cosméticos.

Fortes & Baugh. *J Anal Appl Pyrolysis*. (2004) 72(1):103-111.

MACELA-DO-CAMPO

Nome Científico: *Achyrocline satureioides* (Lam.) DC.

Família: ASTERACEAE

Outro nome popular: macela

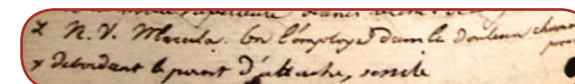


A. satureioides, Itabirito

“A leguminosa angico (*Acacia angico*), de folhas delicadas, cuja casca contém muito tanino, é também, um indício de terra boa. Minha atenção foi chamada para a macela-do-campo, cujas flores amarelas, parecidas com as perpétuas, são usadas para recheio de travesseiros; para a fruta-cheirosa (uma Anacardiácea), com uma grande baga, agora verde e leitosa, e para a almecegueira (*Icica* ou *Icariba amyris*, Aublet), cuja madeira tem um cheiro adocicado e cuja resina perfumada é utilizada para várias finalidades técnicas.”

R. Burton

Viagem de canoa de Sabará ao Oceano Atlântico, 1869



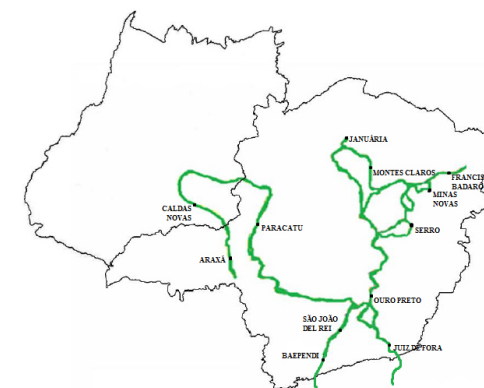
Cadernos de campo, “N.V. Macela” se emprega nas dores

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Ensaio farmacológico comprovaram os efeitos antioxidante, anti-inflamatório e redutor de LDL da planta. Extratos demonstraram também efeito genotóxico, indicando cautela no seu uso.

Gugliucci e cols. (2002) *Life Sci* 71(6): 693-705.

Vargas e cols. (1990) *Mutat Res* 240(1): 13-18.



MALVA-DO-CAMPO

Nome Científico: *Pavonia* spp.

Família: MALVACEAE

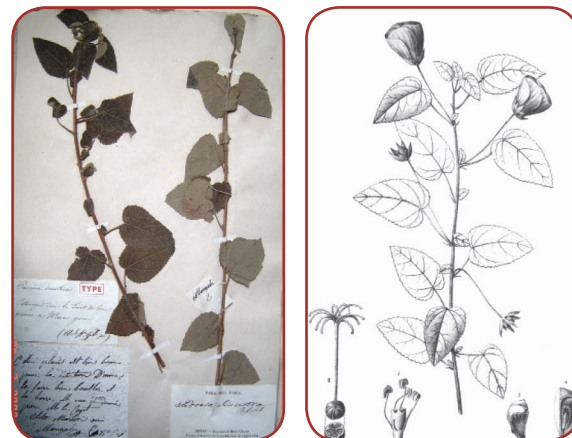
Outros nomes populares: malva-diurética, rosa-do-mato

“Essa planta é tida como diurética, sua decoção é administrada no interior. As propriedades comuns a todas as Malváceas nos levam a crer que ela age como emoliente, e a partir desse relato seu emprego pode ser aconselhado com sucesso nas disúrias ocasionadas pela inflamação da bexiga ou das vias urinárias.”

A. de Saint-Hilaire
Plantas Usuais dos Brasileiros, 1824



Alto Paraíso de Goiás



Amostra-tipo coletada por A. de Saint-Hilaire, MNHN Paris; desenho feito a partir da amostra-tipo, Plantas Usuais dos Brasileiros, 1824

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Não foram encontrados estudos farmacológicos recentes sobre esta planta.

MATE

Nome Científico: *Ilex paraguariensis*

A. St.-Hil.

Família: AQUIFOLIACEAE

Outros nomes populares: erva-do-Paraguai, erva-mate, congonha

“Logo após deixar Barbacena, o viajante que vem de uma região descoberta, começa a perceber a aproximação da região das florestas; encontra morros um pouco menos arredondados, vales mais profundos e tufos de matas mais numerosos. Nestes, onde a terra era arenosa e de má qualidade, tive o prazer de admirar, em estado selvagem, a majestosa Araucaria angustifolia, que, ao ver, não existe em nenhuma outra comarca da Província de Minas, além da de S. João, e que aqui, como em Curitiba, é acompanhada de uma árvore famosa chamada congonha ou mate (*Ilex paraguariensis* A.S.H.)”

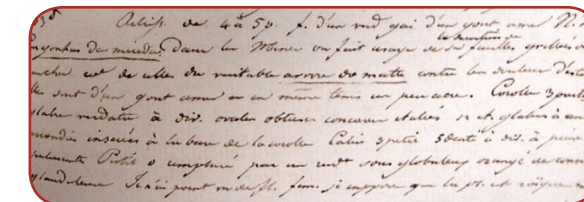
A. de Saint-Hilaire
Viagem pelo distrito dos diamantes e litoral do Brasil, 1830



I. paraguariensis, Andrelândia



À esquerda, MNHN Paris; abaixo, cadernos de campo “Congonha da miuda; árvore do mate”



DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

O mate é muito usado como bebida estimulante devido ao seu conteúdo em cafeína. Estudos preliminares recentes vêm demonstrando que ele teria efeito benéfico também no tratamento do mal de Parkinson.

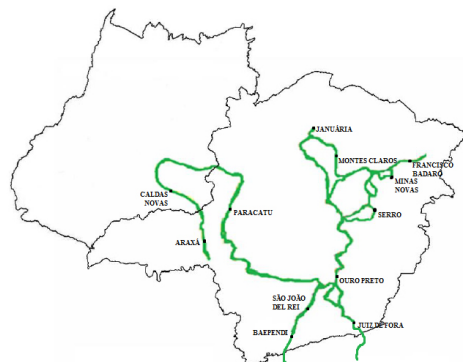
Milioli e cols. *Phytother Res.* (2007) 21(8): 771-776.

MULUNGU

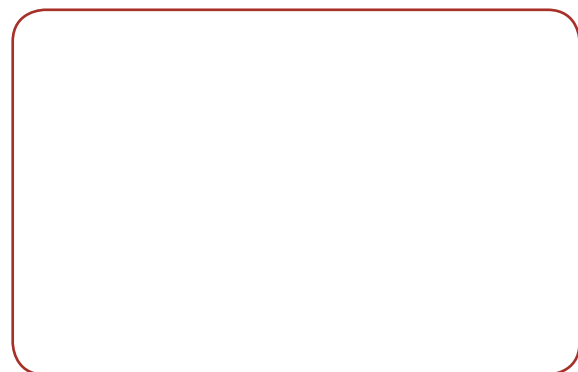
Nome Científico: *Erythrina corallodendron* L.
 Família: FABACEAE - FABOIDEAE

“Nas imediações deste lugar fica um dos sítios mais belos do Rio de Janeiro, o conhecido no país pelo nome de Cascata. É dos quadros mais belos que se possa ver; o lençol de água é bastante largo e se quebra sobre uma mesa de pedra, 25 ou 30 pés abaixo do ponto em que se dá a queda. A vegetação circunjacente concorre para aumentar ainda mais os encantos do espetáculo; chamou-me principalmente a atenção a magnífica *Erythrina corallodendron*, cujas flores têm um colorido vermelho escarlate muito vivo, e uma urtiga arborescente, carregada de frutos brancos e globulosos.”

F. Castelnau
 Expedição às regiões centrais da América do Sul, 1850



E. corallodendron, Morro do Pilar



DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Existem controvérsias quanto a origem do mulungu, pois acredita-se que ele possa ser nativo da África. A planta contém elevado teor de alcaloides e seu uso deve ser feito com muita cautela. Uma patente foi registrada para produto para uso como antitumoral e anti-infeccioso.

Lipton 2005. PCT Int. Appl. 64 pp.

MURICI

Nome Científico: *Byrsonima* spp.
 Família: MALPIGHIACEAE

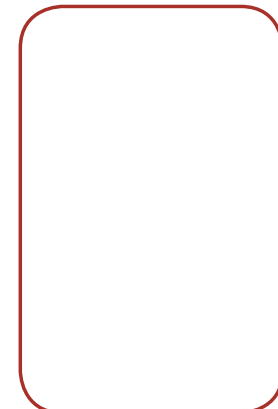
Outro nome popular: guiné

“Não se empregam para o cortume indiferentemente as cinzas de todas as árvores: preferem-se no sertão a do angico (Leguminosa), do pau-pobre (Euforbiácea), do imbiruçu, da fruta-do-lobo (*Solanum lycocarpum*, N.) etc. Em outras zonas da Província de Minas, que não o deserto, são empregados, para curtir, o cortex da Canafístula (*Cathartocarpus brasilianta*, Jacq. ex Mart.), da do muricí (Malpigiáceas), da do barbatimão (*Acacia adstringens*, Mart.). Em vez de bangués, vários fazendeiros empregam troncos de árvores escavadas, e não é mesmo senão na falta de troncos que se empregam os bangués. De mais a mais, o método que acabo de descrever não é exatamente o mesmo para todos os colonos: alguns deixam os couros mergulhados durante mais tempo na cinza, outros deixam-nos mais na água, etc., etc.”

A. de Saint-Hilaire
 Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais, 1830

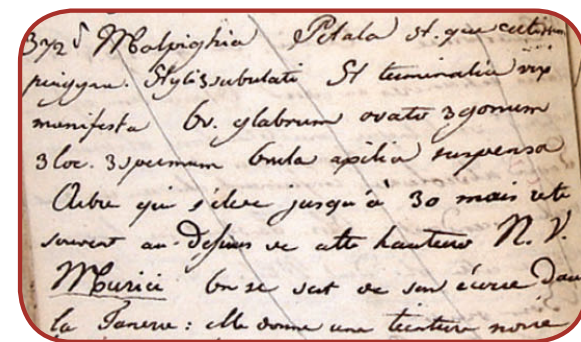
DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Não foram encontrados estudos farmacológicos recentes sobre esta planta.

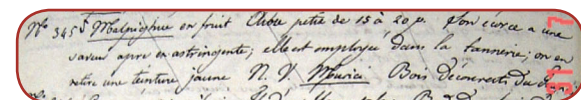


Goiás Velho

Goiás Velho



Cadernos de campo, “N.V. Murici”



MUTAMBA

Nome Científico: *Guazuma ulmifolia* Lam.

Família: MALVACEAE

Outros nomes populares: mutombo, motamba, matomba

“O fruto dessa árvore, embora duro e quase lenhoso, está repleto de uma mucilagem de sabor doce e agradável que se pode chupar com prazer, e que lembra o gosto dos figos oleosos. Talvez merecesse ele as honras da cultura, o que contribuiria ainda para melhorá-lo. Aliás, não é a única vantagem que se pode tirar dele: na realidade, uma nota de Plée, conservada no Herbário do Museum, nos ensina que, na Martinica, onde a *Guazuma ulmifolia* é conhecida com o nome de olmo piramidal, emprega-se sua casca de 5 a 18 meses, para clarear o açúcar: é particularmente do liber que a gente se serve, deixando-o de molho na água, operação que faz com que ele produza uma mucilagem espessa, mais apropriada para tecer que o linho. A velha casca do tronco passa, na mesma ilha, por um sudorífico excelente contra as doenças de pele: faz-se ferver três ou quatro onças em três 0.93ml de água que se deixa reduzir a dois.”

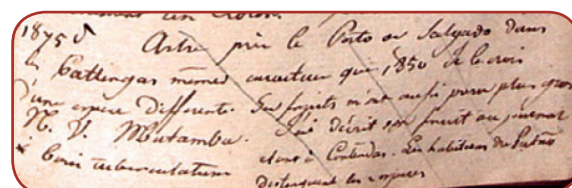
A. de Saint-Hilaire
Plantas Usuais dos Brasileiros, 1824



Formiga,
Minas Gerais



Plantas Usuais
dos Brasileiros



Cadernos de campo, “N.V. Mutamba”

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

As cascas da mutamba mostraram efeito anti-hipertensivo e protetor gástrico em estudos com animais. Os japoneses estão avaliando o potencial dos frutos como suplemento alimentar e agente antiobesidade, tendo depositado várias patentes.

Magos e cols. (2008) J Ethnopharmacol. 117(1): 58-68.
Berenguer e cols. (2007) J Ethnopharm. 114(2): 153-160.

Naganami e cols. (2005) Jpn. Kokai Tokkyo Koho, 26 pp.

Mio e cols. (2003) Jpn. Kokai Tokkyo Koho, 27 pp.

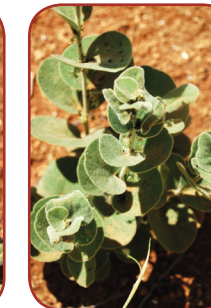
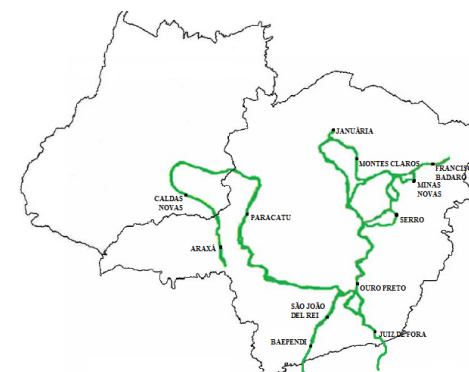
ORELHA-DE-ONÇA

Nome Científico: *Cissampelos ovalifolia* DC.

Família: MENISPERMACEAE

“Empregam-se as raízes dessa planta contra a mordida das serpentes; mas eu não poderia dizer se ela tem realmente alguma eficácia. Em geral, os brasileiros atribuem a mesma virtude a um monte de vegetais diversos, e cada cultivador elogia com entusiasmo o antídoto ao qual ele dá preferência. É impossível acreditar que plantas que pertencem a famílias diferentes, das quais algumas têm simplesmente sabor e odor herbáceos, possam igualmente curar da mordida das serpentes venenosas: mas será impossível um dia descobrir-se a verdade, se algum observador escrupuloso e instruído não fizer nos animais experiências articuladas com cuidado.”

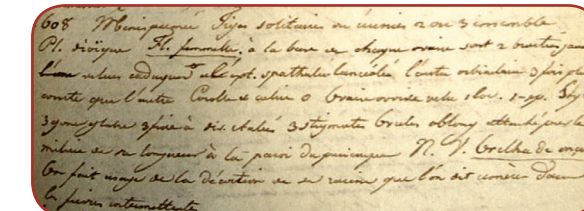
A. de Saint-Hilaire
Plantas Usuais dos Brasileiros, 1824



C. ovalifolia, Curvelo



Amostra-tipo coletada por A. de Saint-Hilaire, MNHN Paris; desenho feito a partir da amostra-tipo, Plantas Usuais dos Brasileiros, 1824



Cadernos de campo, “N. V. Orelha de onça”

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Os alcaloides desta planta demonstraram atividade antiparasitária in vitro contra o Plasmodium, parasita causador da malária.

Tempone e cols. Phytomed. (2005) 12(5): 382-390.

Fischer e cols. Acta Tropica (2004) 92(3): 261-266.

PAINEIRA

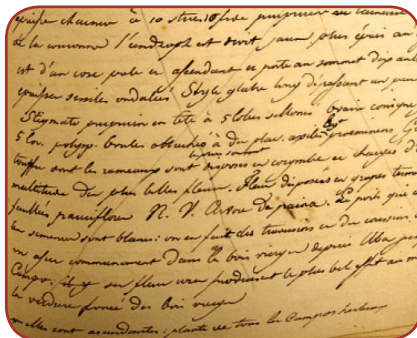
Nome Científico: *Ceiba speciosa* (A. St.-Hil) Ravenna

Família: MALVACEAE

Outro nome popular: árvore-de-paina



C. speciosa, Belo Horizonte



Cadernos e campo, "N.V. Árvore de paina"

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Estudos in vitro confirmaram a presença de substâncias bactericidas e antioxidantes nas flores da planta. Outros estudos estão tentando verificar o potencial da paina como absorvente de petróleo, para uso no caso de vazamentos acidentais.

Annunciado e cols. Marine Pollut Bull. (2005) 50(11): 1340-1346

Hafez e cols. J Pharm Sci. (2003) 19(1): 40-59.



PARATUDO

Nome Científico: *Gomphrena officinalis* Mart.

Família: AMARANTHACEAE

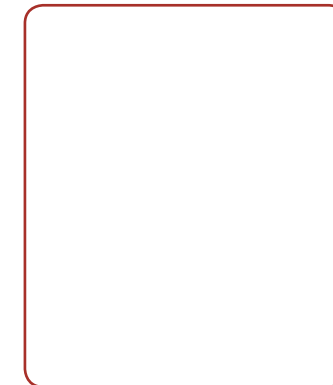
Outros nomes populares: para-todo, perpétua, raiz-do-padre-salerma, para-tudo

“Um capim alto, bastante parecido com a aveia silvestre, e um cardo carregado de flores brancas, são abundantes nos campos, e o Paratudo, com suas flores cor de fogo, caindo perto do chão, atraem a vista à certa distância. As árvores baixas que se encontram espalhadas aqui e ali, ficam muitas vezes inteiramente cobertas de um musgo branco fibroso e pendente que lhes dá uma curiosa aparência. Em algumas partes dos campos, essas árvores estão naturalmente distribuídas de tal forma a parecer um pomar, em outras partes encontram-se somente nos vales, onde formam bosques de pequena extensão; raramente têm mais de vinte pés de altura e muitas vezes mesmo, têm os galhos recurvados, a casca muito áspera e freqüentemente uma folhagem cor de cinza ou esbranquiçada.”

C.J.F. Bunburry
Viagem de um naturalista inglês
ao Rio de Janeiro e Minas Gerais, 1833-1835

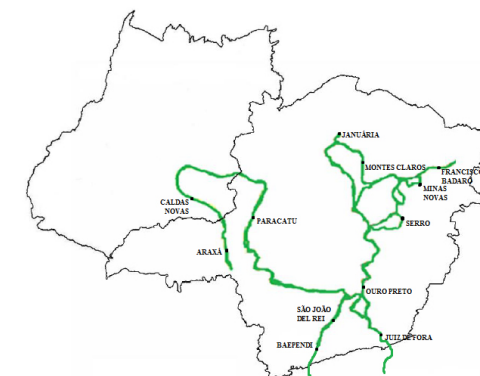
DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Não foram encontrados estudos farmacológicos recentes sobre esta planta.



Plantas Usuais dos Brasileiros

Curvelo, Minas Gerais



PATA-DE-VACA

Nome Científico: *Bauhinia forficata* Link

Família: FABACEAE-CERCIDEAE

Outros nomes populares: unha-de-vaca, mororó-dos-índios

“VIAGEM PARA CONGONHAS DO CAMPO. Diz Fr. José de Santa Rita Durão. Notáveis, também, são as pétalas alvíssimas e as comprimidas vagens verdes dos arbustos leguminosos de folhas fendidas (*Bauhinia forficata*, o mororó-dos-índios), aqui chamadas unha-de-boi, ou, como alguns preferem, unha-de-vaca*.”

* O “Sistema” prefere unha-de-boi, e classifica o vegetal entre as plantas adstringentes mucilaginosas.”

R. Burton
Viagem do Rio de Janeiro
a Morro Velho, 1869



B. forficata, Cipotânea



MNHN Paris

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Vários estudos evidenciaram o efeito hipoglicêmico das folhas e ele é devido à presença de flavonoides.

Menezes e cols. Rev Bras Farmacog. (2007) 17(1): 8-13.

Lino e cols. Biol & Pharmac Bull. (2004) 27(1): 125-127

Vasconcelos e cols. J Ethnopharmacol. (2004) 95(2-3): 385-92.

Damasceno e cols. Phytomed. (2004) 11(2-3): 196-201.

PAU-DE-LEITE

Nome Científico: *Himatanthus obovatus* (Müll. Arg.)

Woodson

Família: APOCYNACEAE

Outro nome popular: tiborna

“Os brasileiros herdaram dos velhos habitantes do País um meio sensato de tratar das mordeduras de cobra, mas seu sistema admite melhoramentos. Os selvagens aplicavam, acima da ferida, uma ligadura, para impedir o sangue de chegar ao coração durante algum tempo; os civilizados a apertam tanto, que acarreta a maceração do membro atingido. (...) Quando o paciente, que na maioria das vezes, se queixa de uma sensação de prostração, como na cólera, fica embriagado, está salvo. Por outro lado, costumam misturar com o álcool caldo de limão, o que é inofensivo, ou álcool em que foi macerada a cobra coral, ou, o que é prejudicial sem dúvida alguma, mercuriais. Há muitos símplices empregados como a erva-cobreira, a Aristolochia, as folhas da *Plumeria obovatae* a gordura do teiú, enquanto Ave-Marias e Padre-Nossos fazem o resto.”

R. Burton
Viagem do Rio de Janeiro
a Morro Velho, 1869



Francisco Baradró, Minas Gerais



DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

A planta mostrou-se ativa contra o parasita causador da leishmaniose em estudos in vitro.

Mesquita e cols. Mem Inst Oswaldo Cruz (2005) 100(7): 783-7.

PAU-PARATUDO

Nome Científico: *Hortia brasiliana* Vand. ex DC.

Família: RUTACEAE

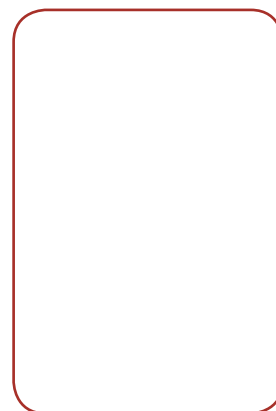
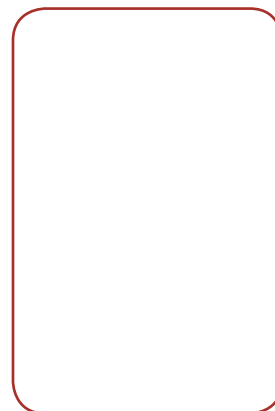
Outro nome popular: quina

“Essa planta, cuja casca é amarga e febrífuga, não pode, no entanto, ser considerada senão um sucedâneo bastante inútil, uma vez que o *Strychnos pseudoquina* cresce mais ou menos nos mesmos lugares que ela. De qualquer modo, deve-se ver na *Hortia brasiliana* a confirmação das propriedades febrífugas das Rutáceas.”

A. de Saint-Hilaire
Plantas Usuais dos Brasileiros, 1824



H. brasiliana, Mariana e Santa Bárbara



DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

A *H. brasiliana* é descrita na bibliografia histórica também sob o nome de quina. Ao lado de outras “quinas”, ela já foi muito usada no tratamento de febres intermitentes ocasionadas pela malária. Essas plantas receberam este nome popular por se acreditar que tenham o mesmo efeito das quinas verdadeiras, espécies de *Cinchona* nativas do Peru, que produzem o quinino, potente antimalárico. Não foram encontrados estudos farmacológicos recentes com a *H. brasiliana*.

PAU-PEREIRA

Nome Científico: *Geissospermum laeve* (Vell.) Miers

Família: APOCYNACEAE

Outros nomes populares: páo-pereira, camara-do-mato, camara-de-bilro, ubá-assú, forquilha, canudo-amargoso, pau-de-dente, pinguaciba, quina-de-pobre

“Não pude deixar de observar a abundância dos elementos antifebris; o Formulário menciona quinze espécies, várias das quais semelhantes às do Peru. No mato mais fechado, havia a quina-do-mato (*Chinchona remigiana*) e, com ela, a quina-de-pobre, uma árvore de casca amarga e fruta doce, chamada por muitos nomes: pau-pereira (*Geissospermum Vellozii*), ubá-açu, pau-forquilha, pau-de-dente, camará-de-bilro (bilro), camará-do-mato, canudo-amargoso ou pinguaciba. Há, também, em grande quantidade, o chá-de-pedestre ou chá-de-frade (*Lantana pseudo-thea*).”

R. Burton
Viagem de canoa de Sabará
ao Oceano Atlântico, 1869



G. laeve, Rio Espera



À esquerda, MNHN Paris;
acima, cascas comercializadas
em Três Corações

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Um estudo demonstrou a ação antimalárica dos alcaloides presentes na planta.

Munoz e cols. J Ethnopharmacol. (2000) 69(2):127-37.

PAU-SANTO

Nome Científico: *Kielmeyera speciosa* A. St.-Hil.

Família: CLUSIACEAE

Outros nomes populares: malva-do-campo, folha-santa, pinhão, pau-de-pinhão



Altos Paraiso de Goiás



“Perto do Rio das Mortes encontrei ainda neste pequeno espaço de terreno a vegetação dos tabuleiros cobertos, isto é, árvores retorcidas, enfezadas, esparsas nos pastos, e principalmente a Gutífera com grandes folhas elípticas que a gente aqui chama pau-santo ou pau-de-pinhão, Leguminosas, e a Solanácea de frutos enormes que tem o nome de fruta-de-lobo. Bem perto daqui nos picos, encontrei esparsas, nos campos, uma compósita cujas folhas são duras e onduladas. As flores têm perfume muito agradável e a planta é arbusto frondejante, de alguns pés de altura.”

A. de Saint-Hilaire
Segunda viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo, 1822

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Não foram encontrados estudos farmacológicos recentes sobre esta planta.

PAU-TERRA

Nome Científico: *Qualea grandiflora* Mart.

Família: VOCHYSIACEAE



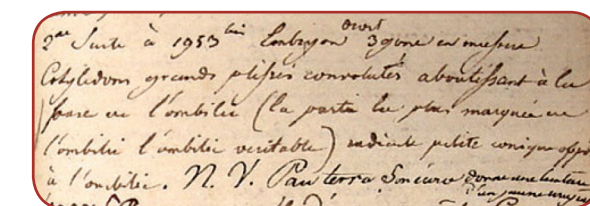
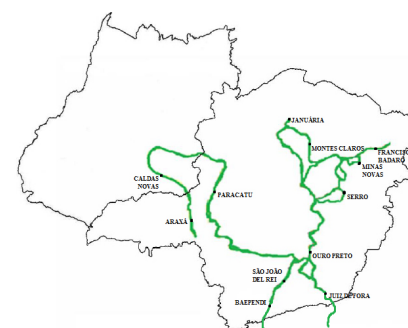
Q. grandiflora, Lagoa Formosa

“A árvore “antediluviana”, a nobre e valiosa araucária (*Araucaria imbricata* ou *brasiliensis*), o pinheiro brasileiro, só é vista perto de lugares habitados e é, provavelmente imigrantes do Paraná, onde forma floresta primitivas. O retorcido piqui (*Caryocar brasiliensis*) dá uma fruta oleosa e mucilaginosa, com uma semente em parte comestível. O tingui (*Magonia glabrata* St. Hil.) é uma planta inútil, que dá, pendente, um fruto disforme, parecido com um fungo enorme. O pau-terra e o patari, este de grandes sementes, fornecem bom carvão; a casca, as folhas e os frutos do último são usados para tingir de preto.”

R. Burton
Viagem do Rio de Janeiro
a Morro Velho, 1869



Nova Genera et Species Plantarum, 1823-1824; amostra coletada por A. de Saint-Hilaire, MNHN Paris; abaixo, cadernos de campo, “N.V. Pau terra”



DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

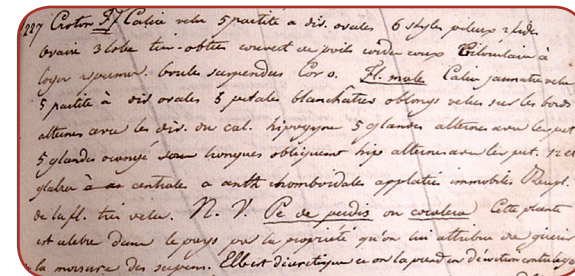
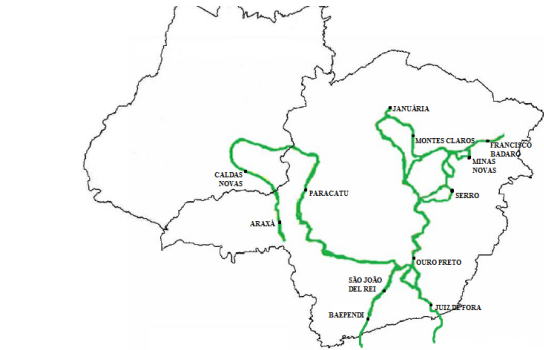
Não foram encontrados estudos farmacológicos recentes sobre esta planta.

PÉ-DE-PERDIZ

Nome Científico: *Croton perdicipes* A. St.-Hil., *Croton antisiphiliticus* Mart.

Família: EUPHORBIACEAE

Outros nomes populares: alcanfora, curraleira, erva mular, cocolera



“A decoção dessa planta é diurética; ela é também empregada contra a sífilis. Sabe-se que meios bastante suaves, os sudoríferos, por exemplo, são suficientes para curar essa doença, que, no nosso clima mais frio, só cede a um tratamento mais enérgico. A propriedade excitante que existe tão frequentemente nas Euforbiáceas está presente nesta, em graus diversos, e produz conseqüentemente efeitos variáveis, segundo a espécie ou a parte que é utilizada. O gênero *Croton* oferece um exemplo notável: as sementes de algumas dessas espécies fornecem à medicina um desses efeitos mais violentos e drásticos; a madeira ou a casca de algumas outras é emético, sudorífico ou simplesmente aromático. A que acabamos de apresentar (*C. perdicipes*) é ainda célebre na província de Minas, pela virtude que se lhe atribui, qual seja a de se curar das mordidas das serpentes. Pretende-se, enfim, que a aplicação das folhas, se frescas e moídas, isto é, secas e reduzidas a pó, favorece a cura das feridas.

A; Saint-Hilaire, Plantas Usuais dos Brasileiros, 1824

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Não foram encontrados estudos farmacológicos sobre esta planta.

PIMENTA-DE-MACACO

Nomes Científicos: *Xylopia sericea* A. St. Hil., *Xylopia aromatica* (Lam.) Mart.

Família: ANNONACEAE

Outros nomes populares: pindaiba, embira



X. sericea, Santana do Riacho

“Existe nas florestas do Brasil um monte de árvores cuja casca, tenaz e flexível, é empregada pelos habitantes para fazer cordas, e poderia fornecer amarras e excelentes cordames. (...) Na realidade, seus frutos, muito aromáticos, têm o odor da pimenta do reino; e se o sabor não é tão forte, eles são, no entanto, mais agradáveis. Se fossem mais conhecidos, esses frutos seriam certamente procurados como especiaria, e poderiam dar lugar a um novo ramo do comércio; mas, infelizmente, os brasileiros se acostumaram a desdenhar todas as vantagens que a natureza lhes prodigou, e na destruição das florestas, que progride tão rapidamente, a árvore que acabo de analisar não está sendo menos poupada do que tantas outras espécies preciosas, que acabarão talvez por desaparecer totalmente.”

A. de Saint-Hilaire
Plantas Usuais dos Brasileiros, 1824

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

A planta é rica em acetogeninas que apresentaram várias atividades, especialmente como larvicidas, antimaláricas e antitumorais in vitro.

Suffredini e cols. *Fitoterapia* (2007) 78(3): 223-6.

de Mesquita e cols. *J Ethnopharm.* (2007) 110(1): 165-70.

Rodrigues e cols. *J Am Mosq Control Ass.* (2006) 22(2): 314-7.

PINHEIRO-BRASILEIRO

Nome Científico: *Araucaria angustifolia* (Bertol.) Kuntze
Família: ARAUCARIACEAE

Outros nomes populares: araucária, pinheiro-do-Brasil, pinheiro-do-Paraná

“Momentos depois estávamos à vista da famosa cidade de Diamantina; capital de uma rica província, ocupa toda a encosta de uma serra, igual em altura à que acabávamos de descer e da qual se separa por estreito vale. A cidade surge tão subitamente à vista do viajante, que parece chamada à existência por um poder mágico: admira-se ele à vista de tamanho aglomerado de grandes casas caídas de branco, entremeadas de inúmeras igrejas, elevando-se gradualmente umas acima das outras nas íngremes encostas da serra, juntamente com numerosas pequenas plantações que rodeiam as casas do subúrbios, laranjeiras, bananeiras e outras plantas tropicais; abundantes e compactas jabuticabeiras e muitos belos espécimes do grande grotesco pinheiro-do-paraná (*Araucaria brasiliana*), em estranho contraste com a região rochosa e absolutamente sáfara que rodeia a cidade por todos os lados: é, com efeito, um oásis no deserto.”

G. Gardner
Viagem ao Interior do Brasil, 1846



A. angustifolia, Baependi



UFJF

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Estudo recente mostrou efeito antiviral de extratos das folhas da planta.

Freitas e cols. J Ethnopharmacol. (2009) 126(3): 512-7.

POAIA-DO-CAMPO

Nome Científico: *Richardsonia scabra* (L.) A. St.-Hil.
Família: Rubiaceae

Outros nomes populares: Poaia-branca, poaya-do-campo

Esta planta é empregada com grande sucesso pelos lavradores das imediações de S. João del Rei, para substituir a *Cephaelis ipecacuanha*, que não cresce nessa região. Não apenas suas propriedades são as mesmas da verdadeira Ipecacuanha, mas ainda obtêm-se dela resultados semelhantes em doses menos consideráveis. Atualmente, já que *Cephaelis ipecacuanha* torna-se menos abundante, os brasileiros poderiam tentar enviar à Europa as raízes da *Richardsonia rosea*, cujas vantagens talvez não se tardarão a reconhecer. Esta planta seria também muito mais fácil de cultivar que a *Cephaelis*; porque se multiplica com extrema facilidade; ela não tem necessidade de sombra e se adapta muito bem em terrenos batidos e pouco férteis.

A. de Saint-Hilaire. Plantas Usuais dos Brasileiros, 1824



R. scabra, Alfredo de Vasconcelos e Coronel Pacheco



Plantas Usuais dos Brasileiros

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Não foram encontrados estudos farmacológicos recentes sobre esta planta.

QUARESMEIRA

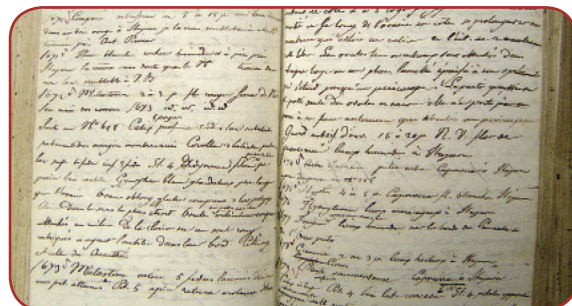
Nome Científico: *Tibouchina granulosa* (Desr.) Cogn.

Família: MELASTOMATACEAE

Outro nome popular: Flor-de-quaresma



T. granulosa, Rio Acima



Cadernos de campo, página da direita, “N.V. flor de quaresma”

“A Flor-de-Quaresma é uma das mais esplêndidas variedades da bela família de plantas chamadas pelos botânicos Melastomáceas, as quais são extremamente numerosas no Brasil e em toda parte (tanto quanto me foi dado ver) constituem um traço notável na vegetação.”

C.J.F. Bunbury

Viagem de um naturalista inglês ao Rio de Janeiro e Minas Gerais, 1833-1835



DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Não foram encontrados estudos farmacológicos recentes sobre esta planta.

QUINA-DO-CAMPO

Nome Científico: *Strychnos pseudoquina* A. St.-Hil.

Família: LOGANIACEAE

Outro nome popular: quina-de-medanha, quina-do-cerrado, quina-do-sertão



Plantas Usuais dos Brasileiros e Curvelo

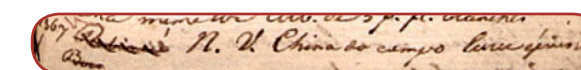
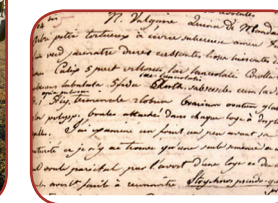
“Entretanto, apesar das desanimadoras informações que acabo de dar sobre minha viagem pela Comarca de Paracatu, não é menos verdade que essa comarca dispõe de todos os elementos propícios à riqueza e à prosperidade. Não somente se encontram aí jazidas de ouro e diamantes, como também de ferro e estanho. Diversas plantas fornecem ao homem salutareos remédios, como por exemplo, a quina-do-campo (*Strychnos pseudoquina*, Aug. S. Hil.), que já citei. As terras são férteis e as imensas pastagens poderiam alimentar numerosos rebanhos.”

A. de Saint-Hilaire

Viagem às nascentes do Rio São Francisco, 1830



À esquerda, MNHN Paris; abaixo, cadernos de campo, “N.Vulgaire Quina de Mendanha” e “N.V. China do campo”



DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

A planta apresentou efeito no tratamento de distúrbios gastrointestinais mas também teve efeito mutagênico. Isto indica que seu uso deve ser feito com muita cautela.

Santos e cols. Food and Chem Toxicol. (2006) 44(9): 1585-1589.

Silva e cols. Chem Pharm Bull. (2005) 53(8): 881-885.

QUINA-MINEIRA

Nome Científico: *Remijia ferruginea* (A.St.-Hil.) DC.

Família: RUBIACEAE

Outro nome popular: quina-da-serra, quina-de-remijio, quina-do-mato



Plantas Usuais dos Brasileiros e Diamantina

“Depois de passar por Inficionado, atravessamos um terreno inteiramente ferruginoso, coberto de matas, e aí recolhemos grande número de belas plantas, principalmente de Apocináceas. Observamos que em geral, os terrenos dessa natureza são os que apresentam a flora mais variada. As plantas são em geral menos vigorosas que em outros lugares, mas estão longe de conter tantas partes aquosas. Certos vegetais indicam quase com segurança absoluta a presença do ferro e, entre eles, devem citar-se principalmente três espécies de quinquina de caule muito delgado que, sendo muito próximas, são confundidas pelos habitantes da região sob o nome de Quina da Serra ou de Remijio, e empregadas com êxito como febrífugas (*Cinchona ferruginea*, *vellozii*, *remijiana*. Aug. de Saint-Hil.)”

A. de Saint-Hilaire
Viagem pelas províncias do
Rio de Janeiro e Minas Gerais, 1830

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Testes in vitro mostraram efeito da planta contra o parasita causador da malária.

Andrade-Neto e cols. J Ethnopharm. (2003) 87(2-3): 253-6.

ROSA-DO-CAMPO

Nome Científico: *Kielmeyera rosea* Mart. & Zucc.

Família: CLUSIACEAE

Outro nome popular: malva-do-campo



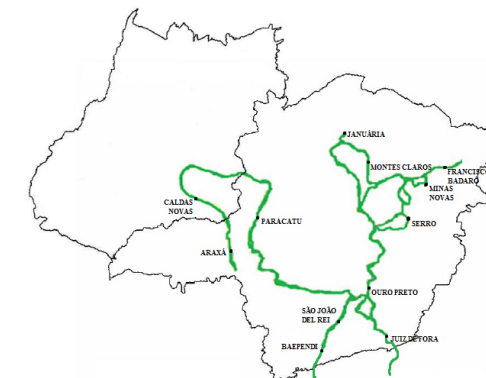
Plantas Usuais dos Brasileiros e Curvelo

“Muitos arbustos floridos e belas plantas herbáceas se encontram no meio do capim: daqueles o *Diplusodon* e a *Kielmeyera* são os mais ornamentais; um deles (*Kielmeyera rosea*, Mart.) cresce em moitas de cerca de pé e meio de altura e produz grandes e numerosas flores cor de rosa, donde lhe vem o nome de rosa-do-campo. Das plantas herbáceas destes lugares as mais belas são as que pertencem as famílias Gencianáceas. Uma das espécies de *Lisianthus* produz grandes flores azuis em forma de sino, não diversas na forma das da *Digitalis* (...). As árvores dos campos altos são quase sempre pequenas e as principais são a bela sucupira (*Commilobuium polygalaeflorum*), *Qualea grandiflora* e *Qualea paviflora*, uma *Vochysia*, *Salvertia covallariodora*, uma *Panax*, uma *Albertina*, uma *Lafoensia*, duas espécies de *Cecropia*, a mangaba-do-mono, o caju e diversas espécies de *Mimosa*.”

G. Gardner
Viagem ao interior do Brasil, 1846

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Não foram encontrados estudos farmacológicos recentes sobre esta planta.



SALSAPARRILHA

Nome Científico: *Herreria salsaparrilha* Mart.

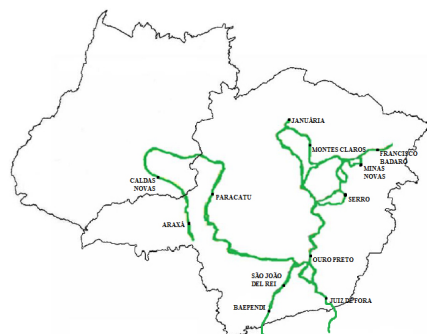
Família: AGAVACEAE

Outro nome popular: salsa, salsa-do-campo, salsa-do-mato

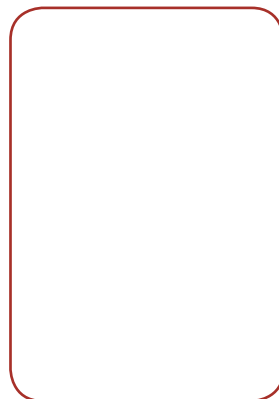
“Nos lugares mais baixos, há uma espécie de salsaparrilha (salsa-do-campo ou salsa-do-mato), que aparece nos formigueiros, embaixo das árvores. A raiz é grande e branca, sendo que a amarela é a preferida na Europa e nos Estados Unidos; segundo dizem, ela deve ser tomada com leite, para disfarçar a acidez e deve ser tomada bastante, mas com cuidado, evitando-se, por exemplo, tomá-la nomeio do dia. A salsaparrilha plantada nos quintais é toda colhida nesta estação, e as casas comerciais daqui cobram 2\$000 por libra para os galhos secos mandados para do Rio de Janeiro.”

R. Burton

Viagem do Rio de Janeiro
a Morro Velho, 1869



H. salsaparrilha, Rio Espera



MNHN Paris

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Não foram encontrados estudos farmacológicos recentes sobre esta planta.

SAMBAÍBA

Nome Científico: *Curatella americana* L.

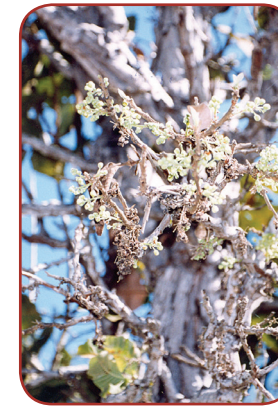
Família: DILLENIACEAE

Outro nome popular: lixeira, çambaíba, sambaúba, sandaia

“JAGUARA. Nossa visita seguinte foi às pequenas lagoas e às vastas formações de pedra calcária a noroeste da fazenda. Passamos por um antigo serviço de mineração, um corte aberto de onde já foi tirado muito ouro pelos antigos. Dali seguimos por um campo manchado aqui de solo rico e vermelho, ali branco de saibro. Não faltavam, também, bons pastos, e o gado da fazenda foi avaliado, segundo me informaram, em £4.000. A vegetação era a dos campos de perto de Barbacena, sendo as árvores o muito retorcido barbatimão, o pataro, grão-de-galo, piqui, tingui e sucupira. Além dessas, notei sambaíba (*Curatella sambaiba*), também escrita “sambaúba” de frutos desvaliosos, folhas duras, usadas para escovar panos e uma casca adstringente, boa para curtume e para tratamento de feridas; produz o efeito do iodo, curando inflamações crônicas.”

R. Burton

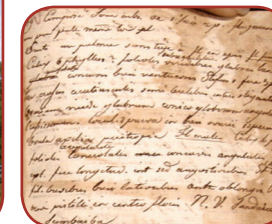
Viagem de canoa de Sabará ao
Oceano Atlântico, 1869



Plantas Usuais dos Brasileiros e Goiás Velho



MNHN Paris;
cadernos de campo,
“N.V. Sandaia ou
Sambaiba”



DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Estudos farmacológicos evidenciaram as atividades anti-hipertensiva, antimicrobiana e antiulcerogênica das folhas da planta.

Hiruma-Lima e cols. J. Ethnopharmacol. (2009) 121(3): 425-32.

Costa e cols. Phytother Res. (2008) 22(5): 705-7.

Guerrero e cols. J. Ethnopharmacol. (2002) 80(1): 37-42.

SAMBAIBINHA

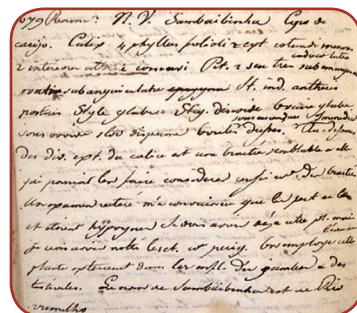
Nomes Científicos: *Davilla rugosa* Poir., *Davilla elliptica* A. St.-Hil.

Família: DILLENIACEAE

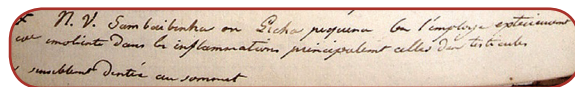
Outros nomes populares: cipó-de-carijó, çambaibinha, cipó-de-caboclo



Plantas Usuais dos Brasileiros e Antônio Carlos



Acima, à esquerda, amostra tipo MNHN Paris; abaixo e à direita, cadernos de campo, “N.V. Sambaibinha”



“Já havia sido reconhecido que as Dilleniáceas eram adstringentes. O sabor azedo de *Davilla rugosa* é prova de que ela participa da adstringência das plantas da família à qual ela pertence e os brasileiros fazem dessa propriedade um feliz uso, pois empregam a planta em questão para curar inchaço das pernas e dos testículos, doença tão comum nas partes quentes e úmidas de seu país. É sobretudo em compressas que eles costumam usar a *Davilla rugosa*.”

A. de Saint-Hilaire. *Plantas Usuais dos Brasileiros*, 1824

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Extratos de *D. elliptica* demonstraram atividade analgésica e antimicrobiana, especialmente contra as micobactérias. A *D. rugosa* apresentou atividade antioxidante, adaptogênica e antiúlcera gástrica.

- Mendes e cols. *Phytother Res.* (2007) 21(6): 517-522.
- Lopes e cols. *Mem Inst Oswaldo Cruz* (2007)102(6): 769-772.
- Azevedo e cols. *J Ethnopharmacol.* (2007) 113(2): 354-6.

SUCUPIRA-BRANCA

Nomes Científicos: *Pterodon emarginatus* Vogel
Família: FABACEAE – FABOIDEAE

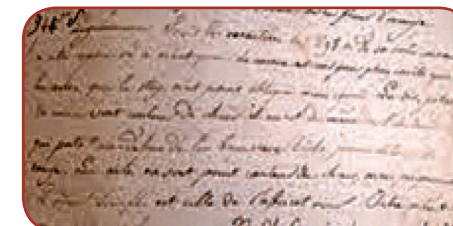
Outro nome popular: sucupira-branca



P. emarginatus, São João das Missões



Sementes comercializadas



Cadernos de campo, “N.V. Sucupira branca ou faveira”

“JAGUARA. Nossa visita seguinte foi às pequenas lagoas e às vastas formações de pedra calcária a noroeste da fazenda. Passamos por um antigo serviço de mineração, um corte aberto de onde já foi tirado muito ouro pelos antigos. Dali seguimos por um campo manchado aqui de solo rico e vermelho, ali branco de saibro. Não faltavam, também, bons pastos, e o gado da fazenda foi avaliado, segundo me informaram, em £4.000. A vegetação era a dos campos de perto de Barbacena, sendo as árvores o muito retorcido barbatimão, o pataro, grão-de-galo, piqui, tingui e sucupira.”

R. Burton
Viagem de Canoa de Sabará ao
Oceano Atlântico, 1869

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

- As sementes da planta têm efeito confirmado como antiulcerogênica, antiinflamatória e antioxidante.
- Dutra e cols. *J Pharm Pharmacol.* (2009) 61(2): 243-50.
- Paula e cols. *BMC Complement Altern Med.* (2005) 5: 17.

TINGUI

Nome Científico: *Magonia pubescens*

A.St.-Hil.

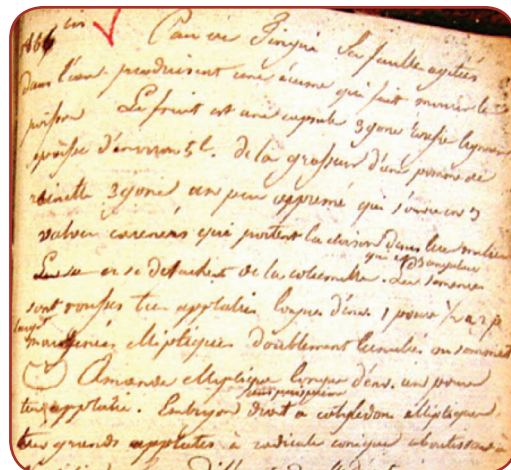
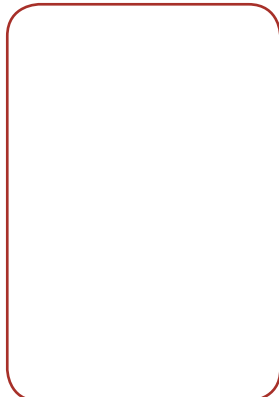
Família: SAPINDACEAE

“Nossa visita seguinte foi às pequenas lagoas e às vastas formações de pedra calcária a noroeste da fazenda. Passamos por um antigo serviço de mineração, um corte aberto de onde já foi tirado muito ouro pelos antigos. Dali seguimos por um campo manchado aqui de solo rico e vermelho, ali branco de saibro. Não faltavam, também, bons pastos, e o gado da fazenda foi avaliado, segundo me informaram, em £4.000. A vegetação era a dos campos de perto de Barbacena, sendo as árvores o muito retorcido barbatimão, o pataro, grão-de-galo, piqui, tingui e sucupira.”

R. Burton
Viagem do Rio de Janeiro
a Morro Velho, 1869



M. pubescens,



Caderno de campo, “Pau de Tingui”

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Estudos in vitro confirmaram a ação da planta como antioxidante e ictiotóxica.

Lemos e cols. Fitoterapia (2006) 77(6), 443-445

URUCUM

Nomes Científicos: *Bixa orellana* L.

Família: BIXACEAE

Outro nome popular: urucu

OS BOTOCUDOS. O JEQUITINHONHA. É com o urucú que os Botocudos se pintam de vermelho, e, com o fruto do genipapeiro tingem-se de negro. As mulheres e os jovens parecem ter muito prazer em lambuzar o corpo. Uns não tem mais que um mosqueado, outros, placas irregulares, outros, faixas que se estendem em vários sentidos; enfim, vi alguns que tinham pintado de urucú toda a parte superior do rosto até o meio das faces.”

A. de Saint-Hiaire. Viagens pelas províncias de Minas Gerais e Rio de Janeiro, 1830



B. orellana, Arantina



UFOP

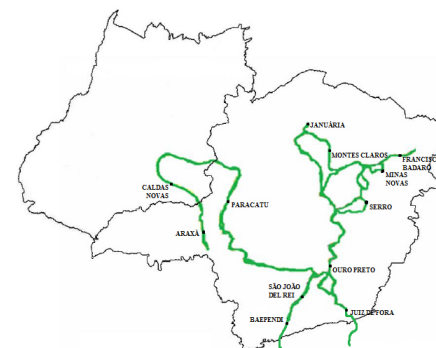
DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

O corante natural obtido do urucum é composto por carotenoides e possui atividade antígeno-tóxica, antimutagênica e antioxidante.

Shams e cols. Bull Nat Res Cent. (2006) 31(5): 385-397.

Junior e cols. Gen Mol Res. (2005) 4(1): 94-99.

Alves e cols. Food Chem Toxicol. (2003) 41(2): 189-192.



VERBASCO

Nome Científico: *Buddleja stachyoides* Cham. & Schlttdl.

Sinônimo: *Buddleja brasiliensis* Jacq. ex Spreng

Família: SCROPHULARIACEAE

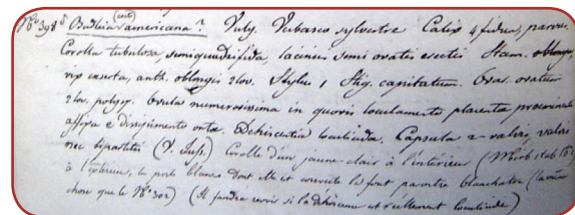
Outro nome popular: barbasco



Reserva Ecológica do Tripuí, Ouro Preto



À esquerda, MNHN Paris; abaixo, cadernos de campo, "N. Vulg. Verbasco sylvestre"



“Certas plantas fazem constantemente a sua aparição em terra recentemente desbravada nesta região do país, tais como *Buddleja brasiliensis*, *Phytolacca decandra*, *Scoparia dulcis*, e diversas espécies de *Solanum* e *Hyptis*. (...) Outras plantas muito comum nas beiras das estradas são a *Sida carpinifolia*, outra parecida com uma *Spermacoce* (*Iriodon glomeratus*, De Cand.) um arbusto baixo, ramalhudo e frondoso, de folhas pequenas, brotando em tufo de flores minúsculas. *Mimosa sensitiva* é, do mesmo modo, abundante nesse trato da região, formando, em alguns lugares, matas de considerável extensão.”

C.J.F. Bunbury

Viagem de um naturalista inglês ao Rio de Janeiro e Minas Gerais, 1833-1835

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Não foram encontrados estudos farmacológicos recentes sobre esta planta.

Abcessos – Área inflamada dolorida com formação de pus
 Acetogeninas – Classe de substâncias naturais com efeitos biológicos
 Adaptogênica – Que melhora as funções normais do organismo
 Adstringente – Contra os tecidos da pele e lhes dá firmeza
 Alcaloides – Classe de substâncias naturais com diversos efeitos biológicos
 Analgésico – Que diminui a dor
 Antifúngico – Contra fungos
 Antigenotóxica – Que impede danos no DNA
 Antihipertensiva – Contra a hipertensão
 Antiinflamatória – Contra a inflamação
 Antimalárica – Combate a malária
 Antimicrobiana – Contra os microorganismo
 Antimutagênico – Que impede danos no DNA
 Antioxidante – Combate os radicais livres
 Antiparasitária – Contra os parasitas
 Antisifilítica – Combate a sífilis
 Antitumoral – Combate o crescimento de tumores
 Antiulcerogênica – Contra a formação e evolução de úlceras
 Antiviral – Contra os vírus
 Antracênico – Classe de substâncias naturais com efeitos biológicos
 Apoptose – Morte celular programada
 Bactericida – Que elimina as bactérias
 Carotenoides – Classe de substâncias naturais com efeitos biológicos
 Citotóxica – Causa danos às células
 Diaforético – Causa transpiração
 Decocção – Cozimento
 Edulcorante – Mascara o sabor desagradável de outras substâncias
 Emética – Que causa vômitos
 Emoliente – Substância que amacia e acalma a pele
 Epispáticos – Que irrita a pele
 Esclerótica – Membrana que recobre o olho

Febrífugos – Que diminui a febre
 Flavonoides – Classe de substâncias naturais com efeitos biológicos
 Fungicida – Substância que elimina os fungos
 Genotóxico – Causa danos ao DNA
 Hidropisia – Edema; inchação resultante do acúmulo de líquido
 Hipoglicêmico – Que reduz a taxa de glicose no sangue
 Hipotensora – Abaixa a pressão arterial
 Ictiotóxica – Tóxica para peixes
 Imunomodulador – Aumenta número de anticorpos
 Leucorreia – Corrimento viscoso esbranquiçado pela vagina
 Micobactéria – Microorganismos causadores de tuberculose
 Moluscicida – Substância que destrói os moluscos
 Mutagênese – Processo que leva a danos no DNA
 Peroxidação lipídica – Processo envolvendo radicais livres que causa danos às células
 Polifenóis – Classe de substâncias naturais com diversos efeitos biológicos
 Saponinas – Classe de substâncias naturais que produz efeitos tensoativos
 Sesquiterpeno – Classe de substâncias naturais que compõe os aromas das plantas
 Sucedâneo – Planta que recebe o mesmo nome de outra comprovada cientificamente
 Taninos – Classe de substâncias naturais que produz adstringência
 Tensoativas – Substâncias que promovem misturas em líquidos imiscíveis
 Triterpenos – Classe de substâncias naturais com diferentes efeitos biológicos

Abati-timbahy - 67
 Acaju - 36
 Achyrocline satureioides - 71
 Açoita-cavalo - 17
 Acrocomia aculeata - 70
 Acrocomia sclerocarpa - 70
 Alcaçuz - 18
 Alcanfora - 91
 Alecrim-do-campo - 19
 Algodão - 20
 Algodãozinho-do-campo - 21
 Algodoeiro - 20
 Ambaitinga - 53
 Ambaúva - 53
 Anacardium humile - 37
 Anacardium occidentale - 36
 Anadenanthera colubrina - 22
 Ananás - 80
 Andaçu - 47
 Anda-açu - 47
 Andaiçu - 47
 Angico - 22
 Anil - 60
 Anileira - 60
 Annona - 24
 Araçá - 23
 Araçazeiro - 23
 Araticum - 24
 Araucária - 94
 Araucaria angustifolia - 94
 Aristolochia - 66
 Arnica - 25
 Arnica-da-horta - 100
 Aroeira - 26
 Árvore-da-batata - 69
 Árvore-da-preguiça - 53
 Árvore-de-paina - 81
 Árvore-do-sabão - 27
 Assa-peixe - 29
 Azedinha - 29

Baccharis dracunculifolia - 19
 Baccharis genistelloides - 44
 Baccharis trimera - 44
 Barba-de-timão - 30
 Barbasco - 114
 Barbatimão - 30
 Bauhinia forficata - 84
 Bignonia - 31
 Bignonia venusta - 31
 Bixa orellana - 113
 Boriya - 32
 Braço-de-mono - 82
 Braço-de-preguiça - 82
 Brasil-açu - 85
 Brasileiro - 85
 Brasil-mirim - 85
 Bromelia - 80
 Bruti - 32
 Buddleja brasiliensis - 114
 Buddleja stachyoides - 114
 Buriti - 32
 Butua - 33
 Butua-do-curvo - 21
 Byrsonima - 77
 Caangunha - 49
 Caapeba - 33, 41
 Caapiá - 42
 Caá-piá-de-pisão - 42
 Caesalpinia echinata - 85
 Cagaiteira - 34
 Caiapiá - 42
 Cainca - 35
 Caju - 36
 Caju-do-campo - 37
 Cajueiro - 36
 Cajueiro-nanico - 37
 Caju-rasteiro - 37
 Cajuzinho-do-campo - 37
 Camará - 38, 46
 Camara-de-bilro - 88

Camara-do-mato - 88
 Campomanesia pubescens - 56
 Cana-de-macaco - 39
 Cana-do-brejo - 39
 Candeia - 25
 Canela-de-ema - 40
 Cangunha - 49
 Caninha-do-brejo - 39
 Canudo-amargoso - 88
 Capeba - 41
 Capicuru - 26
 Capitão-do-mato - 46
 Carapiá - 42
 Caroba - 43
 Carqueja - 44
 Carqueja-amarga - 44
 Carqueja-amargosa - 44
 Caryocar brasiliense - 92
 Casca-d'anta - 45
 Casca-de-anta - 45
 Cassaú - 66
 Catingas-de-negro - 82
 Cecropia - 53
 Ceiba speciosa - 81
 Cephaelis ipecacuanha - 62
 chá-de-frade - 46
 chá-de-pedestre - 46
 chá-falso - 46
 Chiococca alba - 35
 Chondrodendron platyphyllum - 33
 Cipó-cruz - 35
 Cipó-de-caboclo - 108
 Cipó-de-carijó - 108
 Cipó-de-mil-homens - 66
 Cipó-de-São-João - 31
 Cissampelos ovalifolia - 79
 Cochlospermum regium - 21
 Coco-de-catarro - 70
 Coco-de-purga - 47
 Cocolera - 91

Colher-de-vaqueiro - 48	Goiaba - 59	Jetaí - 67	Palmeira-macaúba - 70	Pitomba - 97	Salsa - 106
Congonha - 49, 75	Goiabeira - 59	Jetaiba - 67	Panacéia - 82	Pitombeira - 97	Salsaparrilha - 65, 106
Contra-erva - 42	Gomphrena officinalis - 83	Joannesia princeps - 47	Páó-pereira - 88	Poaia - 98	Salsa-do-campo - 106
Copaíba - 50	Gossypium barbadense - 20	Juá - 68	Para-todo - 83	Poaia-branca - 99	Salsa-do-mato - 106
Copaífera - 50	Gravatá - 80	Juapecanga - 65	Paratudo - 83	Poaia-do-campo - 99	Salvertia convallariodora - 48
Copaíva - 50	Gritadeira - 51	Juazeiro - 68	Para-tudo - 83	Poaya - 62	Sambaíba - 107
Corneiba - 26	Guaiaba - 59	Kalanchoe brasiliensis - 105	Pariparoba - 41	Poaya-da-botica - 62	Sambaibinha - 108
Costus spiralis - 39	Guazuma ulmifolia - 78	Kielmeyera rosea - 104	Passiflora alata - 74	Poaya-do-mato - 62	Sambaúba - 107
Croton antisiphiliticus - 91	Guiné - 77, 95	Kielmeyera speciosa - 89	Passiflora foetida - 74	Polygonun hydropiperoides - 54	Sandaia - 107
Croton perdicipes - 91	Hancornia speciosa - 73	Lantana camara - 38	Pata-de-vaca - 84	Ponta-de-lanceta - 100	Sapindus saponaria - 27
Cruzadinha - 35	Herreria salsaparrilha - 106	Lippia - 46	Pau-d'óleo - 50	Pothomorphe umbellata - 41	Schinus terebinthifolius - 26
Curatella americana - 107	Himatanthus drasticus - 110	Lixeira - 107	Pau-Brasil - 85	Psidium guajava - 59	Scoparia dulcis - 113
Curradeira - 91	Himatanthus obovatus - 86	Lobeira - 69	Pau-d'arco - 63	Psidium pomiferum - 59	Senna occidentalis - 55
Cutieira - 47	Hortia brasiliana - 87	Luehea grandiflora - 17	Pau-de-arara - 48	Psidium rufum - 23	Smilax - 65
Davilla elliptica - 108	Hybanthus poaya - 98	Lychnophora pinaster - 25	Pau-de-dente - 88	Psychotria ipecacuanha - 62	Solanum cernuum - 82
Davilla rugosa - 108	Hymenaea courbaril - 67	Macaúba - 70	Pau-de-leite - 86	Pterodon emarginatus - 109	Solanun lycocarpum - 69
Dorstenia - 42	Ibirapitanga - 85	Macela - 71	Pau-de-óleo - 50	Purga-de-gentio - 47	Solidago - 100
Douradinha - 51	Ilex paraguariensis - 75	Macela-do-campo - 71	Pau-de-pinhão - 89	Purga-dos-paulistas - 47	Stachytarpheta jamaicensis - 58
Douradinha-do-campo - 51	Imbaíba - 53	Magonia pubescens - 111	Pau-paratudo - 87	Pyrostegia venusta - 31	Strychnos pseudoquina - 102
Drosera - 52	Imbaúba - 53	Malva-diurética - 72	Pau-pereira - 88	Qualea grandiflora - 90	Stryphnodendron adstringens - 30
Drimys granatensis - 45	Indaiá-açu - 47	Malva-do-campo - 72, 89, 104	Pau-santo - 89	Quaresmeira - 100	Sucupira - 109
Drimys winteri - 45	Indaiaçú - 47	Mangaba - 73	Pau-terra - 90	Quina - 87	Sucupira-branca - 109
Embaúba - 53	Índigo - 60	Mangabeira - 73	Pavonia - 72	Quina-da-serra - 103	Tabebuia impetiginosa - 63
Embira - 53, 93	Indigofera suffruticosa - 60	Maracujá-de-estralo - 74	Pé-de-perdiz - 91	Quina-de-condaime - 44	Talisia esculenta - 97
Erva mular - 91	Ingá - 61	Maracujá-grande - 74	Pequi - 92	Quina-de-medanha - 102	Tiborna - 86, 110
Erva-de-bicho - 54	Inga vera - 61	Mate - 75	Pequizeiro - 92	Quina-de-pobre - 88	Tibouchina granulosa - 101
Erva-do-Paraguai - 75	Inhapecanga - 65	Mauritia flexuosa - 32	Periandra mediterranea - 18	Quina-de-remijio - 103	Tingui - 111
Erva-mate - 75	Ionidium poaya - 98	Mauritia vinifera - 32	Periparoba - 41	Quina-do-campo - 102	Trevo - 29
Erythrina corallodendron - 76	Ipecacuanha - 62	Melancia-do-campo - 80	Perpétua - 83	Quina-do-cerrado - 102	Tririquim - 55
Eugenia dysenterica - 34	Ipe-cea-goena - 62	Melancium - 80	Petiveria alliacea - 95	Quina-do-mato - 103	Tupinico - 26
Eugenia uniflora - 96	Ipécea-goente - 62	Mil-homens - 66	Piã - 42	Quina-do-sertão - 102	Ubá-assú - 88
Fedegoso - 55	Ipê-roxo - 63	Mororó-dos-índios - 84	Pimenta-de-macaco - 93	Quina-mineira - 103	Umbaúba - 53
Fedegoso-do-mato - 55	Irlbachia - 57	Motamba - 78	Pindaiba - 93	Quitoco - 55	Unha-de-vaca - 84
Flor-de-quaresma - 101	Jaborandi - 64	Mucajá - 70	Pinguaciba - 88	Raiz-amargosa - 57	Urgevão - 58
Folha larga - 48	Jacaranda caroba - 43	Mulungu - 76	Pinhão - 89	Raiz-do-padre-salerna - 83	Urucu - 112
Folha-santa - 89	Japecanga - 65	Murici - 32, 77	Pinheiro - 94	Raiz-fedorenta - 35	Urucum - 112
Forquilha - 88	Japicanga - 65	Muricky - 32	Pinheiro-Brasileiro - 94	Raiz-preta - 35	Vassourinha - 113
Frero - 29	Japi-canga - 65	Mutamba - 78	Pinheiro-do-Brasil - 94	Remijia ferruginea - 103	Vassourinha-doce - 113
Fruta-de-arara - 47	Jarbão - 58	Mutombo - 78	Pinheiro-do-Paraná - 94	Richardsonia scabra - 99	Vellozia - 40
Fruta-do-lobo - 69	Jarrinha - 66	Orelha-de-onça - 79	Piper aduncum - 64	Rosa-do-campo - 104	Verbasco - 114
Gabirola - 56	Jatahy - 67	Orgibão - 58	Piper umbellatum - 41	Rosa-do-mato - 72	Vernonia polyanthes - 28
Gajamarioba - 55	Jataí - 67	Oxalis cordata - 29	Pipi - 95	Rudgea viburnoides - 49	Xylopia aromatica - 93
Geissospermum laeve - 88	Jataí-uva - 67	Paineira - 81	Piqui - 92	Sabonete-de-sabará - 27	Xylopia sericea - 93
Gentiana - 57	Jatobá - 67	Palicourea rigida - 51	Pitanga - 96	Saboneteira 27	Zizyphus juazeiro - 68
Gervão - 58	Jetahy - 67	Palmeira-buriti - 32	Pitangueira - 96	Saião - 105	

 **REFERÊNCIAS**

Bunbury, C.J.F., 1981. Viagem de um naturalista inglês ao Rio de Janeiro e Minas Gerais. Itatiaia: Belo Horizonte; EDUSP: São Paulo.

Burmeister, H., 1958 [1853]. Viagem ao Brasil através das Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais. Livraria Martins Editora, São Paulo.

Burton, R., 1976 [1869]. Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho. Itatiaia: Belo Horizonte; EDUSP: São Paulo.

Burton, R., 1977 [1869]. Viagem de Canoa de Sabará ao Oceano Atlântico. Itatiaia: Belo Horizonte; EDUSP: São Paulo.

Castelnau, F., 1949 [1850]. Expedição às Regiões Centrais da América do Sul. Coleção Brasileira, São Paulo.

Chernoviz, P.L.N., 1996. A Grande Farmacopéia Brasileira. Formulário e Guia Médico, 19a Edição. Ed. Itatiaia, Belo Horizonte.

Denis, Ferdinand. 1980 [1798 – 1890]. Brasil. Itatiaia: Belo Horizonte; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo.

D´Orbigny, A., 1976 [1836]. Viagem pitoresca através do Brasil. Itatiaia: Belo Horizonte; EDUSP: São Paulo.

Gardner, G., 1975 [1846]. Viagem ao Interior do Brasil. Itatiaia: Belo Horizonte; EDUSP: São Paulo.

Gomes, B.A., 1972. Plantas Medicinais do Brasil. Brasiliensia Documenta, Universidade de São Paulo: São Paulo.

Luccock, J., 1975. Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil. Ed. Itatiaia: Belo Horizonte, Ed. da Universidade de São Paulo: São Paulo.

Martius, C.F.P., 1854. Systema de Materia Medica Vegetal Brasileira. Typografia Universal de Laemmert: Rio de Janeiro.

Martius, C.F.P., 1824. Nova Genera et Species Plantarum quas in Itinere per Brasiliam. Typis Lindaueri: Monachii.

Peckolt & Peckolt, 1888-1896. História das plantas medicinais e úteis do Brazil. Typographia Lammert & C.: Rio de Janeiro. 8 vols.

Pohl, J.E., 1976 [1832]. Viagem ao interior do Brasil. Itatiaia: Belo Horizonte; EDUSP: São Paulo.

Pohl, J.E., 1827. Plantarum Brasiliae Icones et Descriptions. Vienna: Vindobonae. 2vols.

Saint-Hilaire, A., 1975 [1830]. Viagem pelo distrito dos diamantes e litoral do Brasil. Itatiaia: Belo Horizonte; EDUSP: São Paulo.

Saint-Hilaire, A., 1975 [1830]. Viagem às nascentes do Rio São Francisco. Itatiaia: Belo Horizonte; EDUSP: São Paulo.

Saint-Hilaire, A., 1975 [1830]. Viagem ao Espírito Santo e Rio Doce. Itatiaia: Belo Horizonte; EDUSP: São Paulo.

Saint-Hilaire, A., 1975 [1830]. Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais. Itatiaia: Belo Horizonte; EDUSP: São Paulo.

Saint-Hilaire A., 1824. Plantes Usuelles des Brésiliens. Grimbert Libraire, Paris.

Saint-Hilaire 1975 [1830] Viagem a Provincia de São Paulo. Itatiaia: Belo Horizonte; EDUSP: São Paulo.

Saint-Hilaire A., 2009 [1828] Plantas Usuais dos Brasileiros. Código, DATAPLANT-UFMG: Belo Horizonte.

Spix, J.B., Martius, C.F.P., 1981 [1823]. Viagem pelo Brasil (1817-1820). Itatiaia: Belo Horizonte; EDUSP: São Paulo.

Silva, D.B., 1997. Diários de Langsdorff. Editora da FIOCRUZ, Rio de Janeiro.

Vellozo, F.M.C. 1881. Flora Fluminensis. Archivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro. Warming, E., 1973 [1892]. Lagoa Santa. Itatiaia: Belo Horizonte; EDUSP: São Paulo.

Kew

ROYAL BOTANIC GARDENS



ISBN 978-85-62164-06-4



9 788562 164064